

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. XX DO POVO. DA LAVOURA. DOS COSTUMES. DO PASSADO E DOS TRAJOS. DAS APEIRIAS E SEMENTEIRAS. DOS FOLGUEDOS E DAS FESTAS.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1962 | Número: 72

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. XX Do povo. Da lavoura. Dos costumes. Do passado e dos trajos. Das apeirias e sementeiras. Dos folguedos e das festas. *Revista de Guimarães*, 72 (1-2) Jan.-Jun. 1962, p. 63-138.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Curiosidades de Guimarães

XX

Do povo. Da lavoura. Dos costumes. Do passadio e dos trajos. Das apeirias e sementeiras. Dos folguedos e das festas.

(Continuado da pág. 374)

Por ALBERTO VIEIRA BRAGA

Trastes e apeirias. Sementeiras. Estatísticas da população e produção.

No tempo dos forais, a agricultura do Minho constituía uma grande riqueza na produção do mel, dos legumes, dos cereais, do vinho e do linho.

«No Minho nunca existiu a grande propriedade, escasseou sempre a média, apenas avultando a pequena, que dia a dia mais se fracciona, sendo já patente suas graves consequências.

Assim, já no século XI representa o tipo da propriedade do Minho a *villa*, que então apenas simbolizava pequena habitação isolada entre os pequenos campos cuidadosamente cultivados pelo *villão*, simples colono ou pelo próprio proprietário.

A grande divisão já observada nos séculos X e XI, facilmente se depreende de coevos documentos, que nos indicam possuírem essas *villas* suas vinhas (*vineas*), hortas (*ortales*), pomares (*pumares*), e os soutos (*sautos*.)

Um testamento notável, feito a favor de Lorvão em 992 e a célebre doação de Mumadona a favor do convento de Guimarães, bem evidenciam a divisão já então observada.

Os grandes senhores possuíam então, não a grande propriedade, mas sim um grande número de propriedades, podendo-se computar a média da propriedade do Minho de 2 a 12 hectáres e ainda assim constituída no geral de várias glebas, que o bom minhoto assiduamente trabalha.» (1).

Todas as nossas freguesias estão numa excessiva fragmentação e numa retalhada de eidos e de medianas e pequenas propriedades alodiais, que se foram desvalorizando, tantas vezes quantas passavam pela sucessão dos herdeiros, pela divisão em quinhões de partilha ou pelas arrematações, a baixo preço, nas praças judiciais.

O notável desenvolvimento da burguesia industrial, elevou o valor da propriedade agrícola, enriquecendo-a sobretudo na parte da produção vinícola e no plantio de oliveiras, castanheiros e árvores de fruto.

«Representa o minhoto o melhor habitante do País, pela sua doçura, jovialidade, frugalidade e valentia.

Digno representante do antigo lusitano, dele herdou seu génio valoroso, destreza, respeito a seus superiores, amor ao trabalho e religioso cumprimento dos seus deveres.

No reinado de D. João I vemos citada Guimarães como a terra mais opulenta e populosa do Minho, com 21.300 habitantes.

Nos fins do século xv e meados do século xvi, inúmeras causas influíram para o decrescimento da população minhota, subressaindo as irregularidades meteorológicas e as pestes e epidemias, obrigando a de 1507 os moradores de Guimarães a abandonarem a própria vila.» (2)

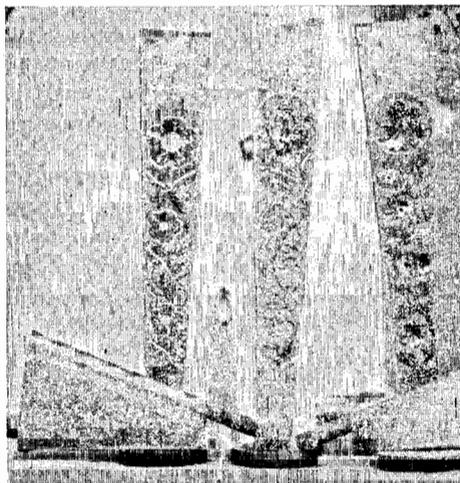
As mulheres da lavoira representaram sempre, e representam ainda hoje, um grande valor de riqueza adentro da pequena economia caseira, pelo que ajudam, em desenvoltura e canseira, os homens, em todos os serviços dos campos e dos estábulos.

(1) *O Minho e suas culturas*, pelo Visconde Villarinho de S. Romão, Lisboa, 1902.

(2) *O Minho e suas culturas*, pelo Visconde Villarinho de S. Romão. Lisboa, 1902.

Ama e companheira, compete-lhes o mando, a obediência e o suprir das falhas nos algures mais escassos das lavoiras.

No campo, enxada ou foicinha em punho. No lar, emboladeira nas mãos ou roca à cinta. Nos estábulos, cuidando das crias, do sustento do gado e da engorda dos porcos. Nas barras, cuidando das palhas, dos folhelhos e dos restolhos. Enfim, as mulheres são as escravas dos serviços mais rasteiros e ordinários: são elas que ordenham as vacas, regam os linhais e ceifam os pensos.



Espadeladoiros ornamentados e espadelas

Toda a sua economia é uma economia natural de profissão e de existência, para um fundo acrisoladamente humano de gastos e de reservas familiares, que se escoam como o fumo pelas telhas vãs.

E tudo é bem preciso, porquanto a vida do casal minhoto é de comunhão, em cadeia acessória de filhos, que ligados pelos vencilhos do trabalho alinham por igual, num patriarcado doméstico, de parelha e de auxílio.

As forças equivalem-se como no arranque das juntas de bois, quer na que vai ao peso da cabeçalha, quer na que irrompe mais livremente ao cambão da emposta.

O pé de meia da economia matronal, pròpriamente daquela economia de amealho que corre pelas mãos das mulheres dos lavradores caseiros, consta das verduras, das aves, dos ovos, do linho, (vendido aos afusais e à libra), do leite e pouco mais, que estas mandam feirar no mercado. O forrar destes cobres é para o governo diário da casa e para as necessidades correntias e vulgares: Compra do azeite para o caldo, do conduto das sardinhas, do gás (petróleo) para as candeias, do sabão, dos concertos para as roupas do trabalho, enfim, para tudo aquilo que se consome e mal se vê, para tudo aquilo que é miúdo e se gasta, para tudo que é dado a uma mulher gastar, com as chegadas duma economia ratinhada e amealhada, greirinho a greirinho, com os produtos das mercadorias de pouco render, que vão a feirar em taleigos e balaios.

Como são ainda ao molde antigo os principais utensílios de alvado de que se servem para o granjeio das terras, ressecos e braçais, unhadados e de boa têmpera, muitas práticas da lavoira, de derrame telúrico, têm um leve ressaibo paganizado das velhas praxes romanas do culto a Ceres e a Baco. A alegria estonteante das vindimadas; o festivo enriar dos linhos; o ajuntamento das espadeladas, com cantigas levadas ao ar em coro harmonioso, e com o aparecimento dos *embuçados* farricocos, carnaval de gargalhadas provocado pelos rapazes solteiros; as aparatosas esfolhadas, com abraços de moços e moças ao encontrar da *espiga rainha*, isto é, de qualquer espiga de milho encarnado, e as estafantes vessadas, com a benção das sementes pelo gado, antes de serem lançadas à terra, são operações moldadas dentro de um ritual de crença em acção de graças por tanta farturinha caída do Céu no lajedo das eiras e dos lagares.

Os instrumentos mais vulgares são: araveça, seitouro, charrua, arado de rodas e o arado de cobrir, para as sementeiras do trigo e centeio. Muitos lavradores já usam a charrua francesa e a grade de Valcourt, caixilho de madeira e dentes de ferro. (1)

(1) Para não alongarmos este capítulo e não voltarmos a repetir o que largamente já expusemos, ver o que escrevemos sob o título «Panorama agrícola e de habitação, nas «Curiosidades de Guimarães» — XIII *Comendas da Ordem de Cristo no termo de Guimarães*, págs. 53 a 85.

Do mais, é o conhecido em toda a parte.

Conhecido, comum e vulgar, porque tudo é primário e ancestral, e vem por herdança dos velhos costumes e hábitos, virtudes alimentares já calejadas pelo transcórre cálido do revirar contínuo das terras de lavradio. De certo modo, estes maneirinhos, prosaicos e aquadrimados (1) instrumentos de permanência, de exercício, de função e de trabalho, são declarados inimigos de novos empreendimentos, mas nunca abandonados por nada deste mundo, pois basta cuspir nas mãos para dar uma rijeza de têmpera ao pulso de aço dos homens do campo. Agarram-se e não largam. E assim, não tendo os lavradores asseguuranças para a velhice e para a invalidez, tudo lhes fala ingenuamente à alma, raciocinando adentro da improgressividade da sua lareira desconfortável, em casas de alve-



Sedeiro e restelo

naria e portas recamadas de chaços e aldrabas, que os antigos assim viviam e assim se avinham na privança daquelas apeirias desataviadas do tempo do Pai Adão e das histórias borralheiras da carochinha.

O azeite, vem-lhe amargo como rabo de gato, daqueles seirões e pisões dos engenhos da esprema rudimentar, e a farinha mal apertada, como raladura, vem-lhe fortemente maquiada dos alegres e cantarolados rodízios da moenga do milho grosso.

São alumiados, como em divina graça de oratório, pelas candeias de petróleo e pelo luar, quando adrega de o haver. E com chumieiras de colmo, quando vão de caminhada, ou carrear os estrumes das privadas do burgo civilizado, que se vendem como manteiga, às talhas de

(1) Acadimados.

lenha, consoante a medição, em profundura, do chuço estrumeiro.

Sim, é o conhecido. Mas o que ninguém avalia, é o quanto custa, em dinheiro, toda a ferramenta para pôr uma casa da lavoura a funcionar. Vejamos:

Um carro pronto e ferrado	1.200\$00, mas com ferragens mais fortes e pesadas ...	1.500\$00
Tamoeiro da apostalha, de couro.		120\$00
Encorreamento das varelas		50\$00
Duas partizelas		50\$00
Duas peças		80\$00
Jugo de 0,80 c., de freixo, 700\$00, de luxo		1.200\$00
Duas trufas, de couro		120\$00
Dois arcos de negrilho, 20\$00; enramalhados		100\$00
Dois cofos de aro de peneira		10\$00
Uma junta de bois, regular, 8.000\$00, melhor		12.000\$00
Um arado completo		600\$00
Uma relha (vulgarmente o povo chama-lhe bico)		20\$00
Uma grade com dentes de ferro e a torna- doira		200\$00
Um cambão de lavrar		50\$00
Um cambão de cadeias		100\$00
Uma enxada		30\$00
Uma sachola		15\$00
Um sachó		10\$00
Uma foicinha		20\$00
Um alvião		20\$00
Um forcado		20\$00
Gadanho de 3 dentes, de ferro		15\$00
Engaço de ferro		10\$00
Engaço de pau		5\$00
Um ancinho de ferro		8\$00
Um foucinhão, para cortar a palha para a misturada do penso		40\$00
Fouce de podar		50\$00
Tesoura de podar		40\$00
Correia e gancho		20\$00
Um malho (compõe-se da mangoeira, pirtego, casula e correia)		15\$00
Espadadoiro		20\$00
Espadela		6\$00

Roca	5\$00
Fuso	2\$50
Restelo	30\$00
Sedeiro	50\$00
Rôdo, 5\$00; pá, 5\$00; crivo 25\$00	35\$00

E se o lavrador caseiro tem de meter criado ou criada, então é que ele sabe por quanto lhe fica a vida e a manutenção de uma ou duas bocas a mais.

Um criado da lavoura, habilitado a todos os serviços, não vence soldada inferior a 3.000 escudos por ano, e os usos, assim estabelecidos: duas camisas, uma de linho outra de estopa; dois pares de tamancos, uns novos outros tachados, ou brochados, e um par de calças de cotim.

Uma criada, 1.600 escudos e os usos: um colete aparelhado, com dois novelos de torçal, em vermelho ou preto; uma camisa de linho e duas de estopa; um lenço do pescoço e outro da cabeça; um avental e uma saia, de riscado, e dois pares de socos, uns novos outros tachados.

Contra a bicha, que mais se alastra nas terras lenteiras, usa já o nosso lavrador os cilindros de pedra, com que cilindra os campos atacados do mal. Tarde chegou à conclusão de que tanto fazia cilindrar como se estivesse quedo.

Quando a par dos novos arados, vierem para o uso geral de todos, os modernos sachadores, semeadores, e as mecânicas debulhadeiras cortarem a eito a caminho de todos os alpendres, como já industrializadamente o vão fazendo, como os cesteiros e peneireiros ao domicílio, então lá se vai toda a opulência festeira dos campos, todo o elenco documental das velhas apeirias e toda a riqueza lexicológica das peças do trabalho agrícola, variável e ao modo dos usos de cada região e de cada lugar.

Já apodreceu a pesada engrenagem dos velhos lagares, composta de traves de castanho ou de carvalho e fusos de madeira, para a esprema do bagaço, a que chamavam *prensa de vara*.

Agora, os fusos de ferro, os espremedores dentados e os cinchos, modernizaram a função, com rendimentos vantajosos e menos dispêndio de energias. Do bagaço, uma parte é tirada para fabricar a aguardente, outra parte fica para os caseiros produzirem a agupé.

Há proprietários que fazem passar as uvas por um ralador de ferro, dispensando assim as pisadas dos homens que, durante três a quatro horas andam para ali no rala que rala, pernas em passo de marcha, para cima e para baixo, emporcalhadas e mazelentas, com tocatas e cantigas berrantes para espalhar o sono e a fadiga, enchendo o mosto de cinza de cigarros, de migalhas e detritos de tudo quanto mastigam.

Nas eiras, os limpadores já modificaram as características do trabalho e dispensam a ajuda de alguns utensílios da velha prática do espanejamento dos cereais: as pás, os crivos e os panais.

As malhas já vão sendo menos. E era vê-los, os malhadores, retesos e dobrados, em meio círculo, ao canto das eiras, malha que malha, numa luta de rijo canelo, ritmo certo no erguer e no cair tropeado dos malhos, que gemiam e chiavam pelo aquecimento dos enxadoiros de couro frescal que amarravam a pirtega.

No Norte, o mais acentuado domínio dos romanos, principiou a exercer-se depois do terceiro período da sua invasão.

E durante este memorável decorrer, é que os processos agrícolas mais directa e fundamentalmente se acentuaram nas populações rurais.

Modificaram os aspectos e pormenores familiares, influenciando os elementos locais mortícios para os desbravamentos agrícolas, numa mais acentuada expansão de novos cultivos, partindo dos espaços limitados dum arroteio pessoal e incerto, para os centros castrejos amuralhados e já libertos, e para as zonas maninhas e improdutivas.

Dessa escola de ensinança lenta, de predomínio e de realizações utilitárias, ficaram para os lavradores as regras e os costumes de trabalho que giram ainda dentro da mesma rotina e da mesma técnica.

Melhor do que então, porém, a terra é hoje mais bem decruada, desterroada, tratada, aproveitada e arada.

Praticando as culturas de afolhamento, isto é, alternadas, quer do milho, do centeio, do trigo e dos nabais, os campos do Minho apresentam uma vegetação perene, desde as arribadas às encostas dos montes, onde os matos, as urzes e as pastagens estão sempre arreguiladas

e reluzentes das pojeiras prateadas dos aranhaços orvalhos das madrugadas.

Os pastos pratenses merecem o maior cuidado dos lavradores, regalo rabaceiro dos ruminantes de engorda e de trabalho.

Para a sementeira destes pensos verdes, de que o gado é guloso, e que mais o fartam e enfartam destinam os agricultores os campos mais húmosos e sulcados pelas águas de rega e lima, lançando a punhados largos as sementes da serradela, do azevém, da língua de ovelha e da erva molar, depois de gradarem e estrumarem ligeiramente os terrunhos a sementar.

Vulgarmente, e ainda previdentemente, para que os pensos mais abundem e sejam fartos, aquando da arrenda dos campos semeados de milho, isto é, depois da segunda sacha, é lançada à terra aquela erva pratense da serradela ou da erva molar. Depois da ceifa dos milheiros, ficam assim uns vastos prados para onde se deitam os gados a pastar, ou soltos, em manada, ou à sogá.

Conjuntamente com o milho, é vulgar semearem também as diversas qualidades de feijão, segundo a natureza da terra, a cabaça porqueira e os jerimus, que vão subindo enlaçadamente pela haste das canas dos milheiros, cultura associada e vantajosa do maior governo caseiro e um auxiliar do rendimento agrícola, prático e económico.

Por entre o milho há quem semeie a couve galega e alguma semente de nabos. São os primeiros nabos que aparecem, os chamados nabos de entre o milho.

Alguns lavradores, depois de colherem o centeio ou o trigo, em lugar de semearem o milho da resteva ou as ervas, voltam a lavrar três ou quatro vezes os campos que produziram esses cereais, estrumam-nos convenientemente, e em Junho ou Julho semeiam directamente os nabais.

Semeia-se, todavia, o mesmo centeio de séculos, o barroso e o galego; os mesmos linhos, o mourisco ou linho de inverno, o sequeiro ou temporão, o galego ou serôdio, o verdial ou coimbrão. Sim, os mesmos linhos, mas em minguada cultura, porque os lavradores preferem hoje vestir-se de algodão a consumirem-se com a dura e complicada tarefa dos linhais, através das suas fases morosas de granjeio.

As qualidades dos feijões são as conhecidas: o manteigueiro, o branco miúdo, o preto, o fradinho ou galego, o amarelo, o canário, o velhaco ou vermelho, o de entre-o-linho e o rajado.

As batatas, são sempre as mesmas, e botadas sem escolha nos mesmos sítios, com os mesmos estrumes mal curtidos dos currais e as mesmas cinzas da borralheira: a lapa ou a joga (batata branca e farinhota), a vermelha ou da Lixa, (mais usualmente conhecida por batatas lixeiras), a amarela e a rozinha, assim chamada por ter uns raios cor de rosa. A batata de importação já vai entrando, em grande escala, no domínio da plantação.

O milho grosso envolve a maior área de cultivo. É chamado o milho da renda, ou temporão. Também semeiam, em pequena escala, os milhos amarelos e canários, para consumo próprio. São de grão miudeiro mas de rendimento mais farto.

Não usam o milho híbrido nem o verdial.

São estas as culturas principais, as que ocupam maior extensão de terreno e as que merecem maiores e mais cuidadas atenções do lavrador, a par da canseira do vinho, pois que esta região é por excelência a que produz o mais completo tipo do chamado vinho verde, de cor rubi, encorpado, doce, fumeguiço.

E por certas razões de clima e qualidades trepadoras das nossas videiras regionais, a vinha é alta, chamada de enforcado.

Assim, mais à vontade se espreguiçam o vinhão tinto, o azal, o verdelho, o borraçal, o espadeiro e o mourisco, pelas trepas dos plátanos, dos lodãos, dos salgueiros, amieiros, choupos, cerdeiras, carvalhos, castanheiros, e das velhinhas oliveiras.

As ramadas de ferro, representam já uma parcela luxuosa do progresso, mas de rendimentos assegurados.

E quando as freguesias estiverem electrificadas, e todas elas se movimentem e carregiem à vontade, por caminhos de merecida regalia, então os costumes, os processos e as actividades da lavoura serão outros, completamente mecanizados, mas absolutamente despidos de interesses tradicionais.

O número das freguesias dentro da área de jurisdição do extenso e fértil Concelho de Guimarães, foi diminuindo no decurso dos tempos, por questões e medidas adminis-

trativas e concelhias, ou interesses vantajosos das integrações e anexações, problemas de Estado no manejo político de servir umas localidades em detrimento de outras. E da nossa grandeza territorial, conquistada por direito próprio e pela graça das regalias auferidas, mantida pelos reis primeiros e confirmada e respeitada por todas as Inquirições do Reino, foram talhando e cortando, distribuindo e doando, freguesias para estes e para aqueles, num desrespeito pelo nosso adquirido domínio de integridade, e da nossa economia privativa e unitária. E lá se foram em bodo e pitança presentes inteiros de inteiras freguesias, com os seus prazos e beneficiações, com os seus Coutos e Padroados. Lucraram na partilha, não muitas vezes sem o protesto violento do povo e da governança de Guimarães, os Concelhos de mediano rendimento, que assaltavam de fila as terras dos outros, para um andamento mais ancho dos seus passos — Póvoa de Lanhoso, Famalicão, Fafe, Felgueiras e Braga. (1)

De maneira que a intromissão destes Concelhos, apertaram a periferia do nosso termo, levando-nos freguesias aos pares. Retalharam o nosso mapa geográfico, baralharam as confrontações e os limites, e alteraram todos os serviços da orientadora engrenagem demográfica, topográfica, administrativa, judicial e económica.

E quanto aos hábitos de feição local, criados pelo robustecimento dos próprios e congénitos ideais de aspiração e de interesses de um agrupamento homogéneo de trabalho, com os seus destinos comuns, marcados no espiritual das velhas tradições e no material instinto dos

(1) Existem no Arquivo Municipal, as petições das freguesias que pediam à Câmara para serem conservadas no concelho de Guimarães, onde sempre pertenceram e por onde corria a gerência dos seus negócios, concelho que muito prezavam e tinham por timbre e glória sua...

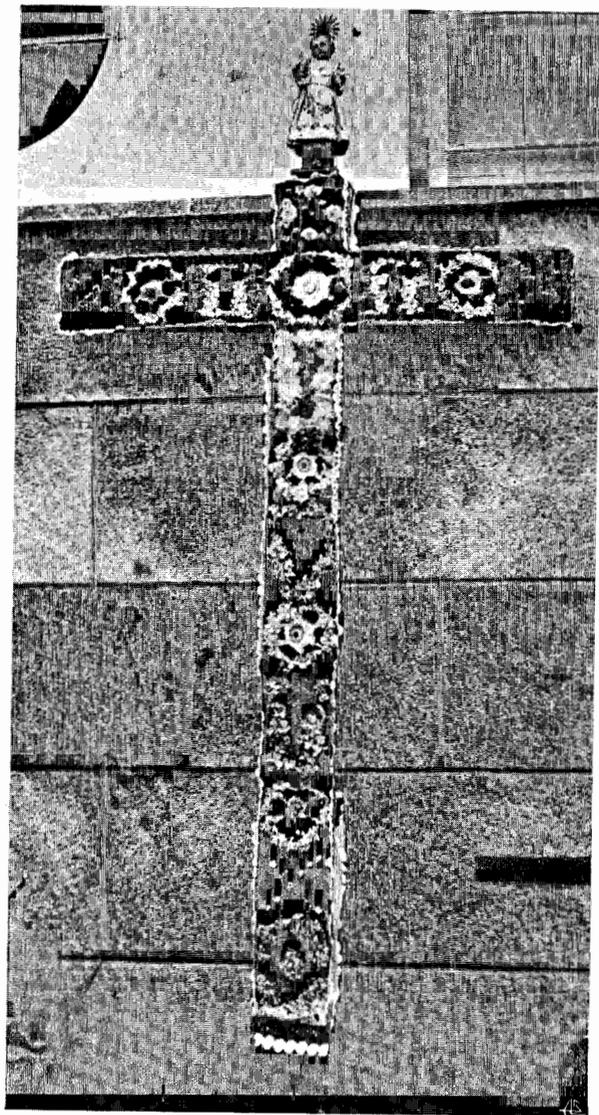
As freguesias que não queriam ser desunidas, e mandaram as suas ardentes petições, que se encontram arquivadas, foram mesmo as que a política teimosamente desanexou: S. Lourenço de Golães, S. Julião de Serafão, S. Bartolomeu de Vila Cova, S. Tomé de Travassós, S. Pedro de Freitas, St.^a Maria de Souto de Sobradelo, S. Vicente de Passos, St.^a Cristina de Agrela, S. Romão e St.^a Cristina de Arôes. Estas freguesias foram desanexadas do concelho de Guimarães por decreto de 31-XII-1853.

seus proveitos, estas desagregações prejudicavam o povo. E prejudicavam-no duplamente, quer na independência dos seus movimentos, que ficavam amarrados a outros e alheios interesses, quer na preferência das suas simpatias e intimidades de confiança, que tinham de derivar para outros e incompreendidos juízos de fabriqueiro governo.

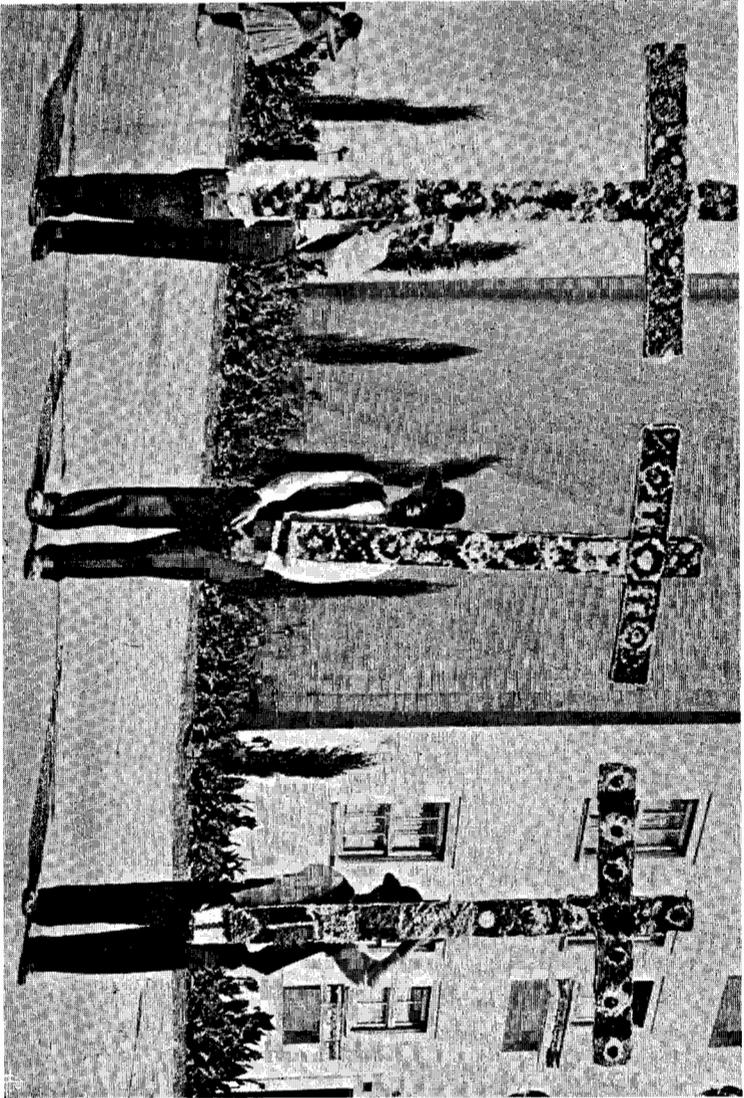
E mais prejudicavam ainda, estas amputações parcelares, de um todo perfeito na orgânica regência de entendimentos paroquiais e camarários, aquele conjunto de valores económicos e pessoais, representados em todas as relações dos negócios e dos serviços. Perdiam-se ou alteravam-se, com estes desmembramentos, que implicavam sempre com as raias divisórias, e os direitos de carácter vicinal e paroquial, atinentes à servidão comum das regas e do pastoreio, perdiam-se ou alteravam-se muitos maninhos e logradouroiros, muitas posses seculares, muitos prazos e foros, muitos direitos reguengueiros e mútuos auxílios estatutários e irmandadeiros. Mas perdia-se, sobretudo, essa integral regularidade de compromissos e contratos, duma rica e característica variedade de praxes, praxes estabelecidas, que orientavam a distribuição das águas de curso livre, das levadas e represas, para o alimento de ragadio de muitos consortes das freguesias dos vales do Ave, do Selho e do Vizela, e que as Câmaras iam abrir, nos tempos competentes com o cerimonial devido. Perderam-se quantas levadas de irrigação, desmantelaram-se quantas *Irmandades da água* (1), direitos de quinhoeiros, regalias de consortes e posses colectivas das freguesias, associações agrárias de mútuo entendimento, por este simples separar das raias representativas de governo, que alterava logo a função dos interesses e o desvio de todas as posses de servidão!!

Sem irmos à relação do completo domínio jurisdiccional dos tempos das Inquirições, em que os serviços do Almojarifado e da Correição se estendiam por uma Comarca campeira de terras e de pequenos Concelhos, limítrofes e afastados, e um número extraordinário de freguesias à roda de um termo de léguas bem puxadas e contadas, abasta dizermos que das 109 freguesias da vila e

(1) Ver no opúsculo X das *Curiosidades de Guimarães*, o capítulo: *A Irmandade da água*, de página 66 a 91.



Cruz de flores na festa das Cruzes, em Santa Cristina de Serzedelo.



Cruzes de flores na romaria das Cruzes, em Santa Cristina de Serzedelo.

termo, em 1650, com uma população total provável de 28.000 mil habitantes, passou a ter, em 1795, segundo um *Mapa Geral das Freguesias*, 99 freguesias com a totalidade de 45.072 habitantes.

E as parcelas produtivas, juntamente com todos os direitos da jurisdição paroquial, lá se iam desanexando, a contento dos Altos Poderes, desligando em linha de conta, certas autonomias, de um todo uniforme na sua estrutura de governo Municipal.

Segundo a *Corografia* do P.^e Carvalho da Costa, tinha a vila de Guimarães duas léguas e meia de termo para poente, até o marco da serra da Falperra, para a parte de Barcelos duas, uma para a ponte de Serves e duas para a parte da cidade do Porto, que se dividem na ponte de Negrelos.

O Concelho tinha no termo, 86 freguesias e 4 na vila — 90.

Mais tarde o seu termo ficou reduzido a 76 freguesias, com as 4 da cidade — 80.

Actualmente, o termo de Guimarães comporta 70 freguesias, e 3 na cidade — 73.

Censo provável das 70 freguesias		
do Concelho	117.928	habitantes
Das três freguesias da cidade . .	22.353	»
Total	140.281	»

São de grande importância, para os modernos e científicos estudos sobre a alimentação do povo, as informações e o conhecimento de todas as estatísticas de produção e de consumo. E como se têm feito em Portugal, intensivas investigações e organizado vários inquéritos às condições alimentares do povo rural e urbano, achamos ter cabimento, neste decorrer de desprezioso serão de lareira, a reprodução de alguns mapas da colheita e consumo de cereais e de carne, organizados pela Câmara de Guimarães, durante os anos de 1868 a 1882.

Raramente se faziam mapas e inquéritos das colheitas de cereais e do consumo das populações na jurisdição de cada Concelho, e hoje até mal apercebidos os poucos que se conhecem, quando seriam, na presente conjuntura, da maior utilidade para um estímulo de confronto,

atendendo a natureza deficiente de produção e o aumento cadastral de registo demográfico.

O livro que comporta estes *Mapas de colheita e consumo*, e se encontra no Arquivo Municipal, tem o valimento de um passado cuidadoso e prático, que olhava preventivamente para a sucessão dos anos vindouros, deixando-lhes os moldes comezinhos de uma inventariação de previdência e economia.

Daremos então, para não sobrecarregar demasiado estas linhas de capítulo, simplesmente os mapas do primeiro e último anos, isto é, o de 1868 e o de 1882.

Para tornarmos os mapas mais compreensivos, teremos de os ajustar à capacidade populacional, e assim reproduzimos primeiramente, o quadro que segue, respeitante aos quatro censos realizados.

População da cidade de Guimarães e seu Concelho

Guimarães	1864	1878	1890	1900
Cidade	9.206	9.450	9.925	10.893
Concelho	35.809	36.294	39.770	43.830
TOTAL	45:015	45:744	49:695	54:723

Mapa demonstrativo da colheita de cereais e outros géneros no Concelho de Guimarães, ano de 1868

<i>Géneros</i>	<i>Alqueires</i>
Trigo	4.500
Milho	3.400.000
Centeio	310.000
Cevada	200
Feijão	4.000
Favas	60
Batatas	4.500
Tremoços	150

Consumo da população

	<i>Alqueires</i>
Trigo	10.000
Milho	1.700.000
Centeio	280.000
Cevada	300
Feijão	2.500
Favas	40
Batatas	4.000
Tremoços	120

Preços médios dos géneros

	<i>Réis por alqueire</i>
Trigo	1.070
Centeio	550
Milho grosso	500
Feijão	650
Favas	360
Batatas	320
Cevada	550
Tremoços	400

*Mapa demonstrativo das carnes verdes
consumidas no Concelho de Guimarães, ano de 1868*

O número de talhos na cidade era de seis, existindo três nos açougues de S. Paio, dois na Praça do Toural e um ao pé da Alfândega. Em Vizela, um talho, e dois no tempo de banhos.

<i>Reses consumidas</i>		<i>Em quilogramas</i>
Vacas e bois	1 020	220 759 744
Vitelas	90	2 063 094
Carneiros	750	6 962 397
Porcos	500	11 986 200

*Mapa demonstrativo da colheita de cereais
no Concelho de Guimarães, ano de 1882*

<i>géneros</i>	<i>Hectólitros</i>
Trigo	440
Milho	6.000

Centeio	6 000
Cevada	20
Feijão	1 800
Favas	20
Ervilhas	10
Batatas	4 500
Tremoços	20

*Mapa demonstrativo do consumo das
carnes verdes no Concelho de Guimarães, ano de 1882*

<i>Reses consumidas</i>	<i>Em quilogramas</i>	
Vacas e bois	1 040	260 000
Vitelas	42	3 100
Carneiros	1 450	16 500
Porcos	1 100	70 000

Todos estes Mapas ressalvam: Declara-se que a Câmara se não responsabiliza pela exactidão das informações constantes destes mapas, porque, não tendo elementos para poder satisfazer, nem mesmo com aproximação, ao que se lhe exige, são as mesmas informações fornecidas por particulares.

Isto de mapas e de estatísticas, sejam eles de que matéria e natureza forem, é um caso muito sério, em que a inteireza ou a probabilidade dos números, das quantidades e da verdade, andam sempre num arrisco.

Como elementos auxiliares de estudo, não precisamos de encarecer a importância dos mapas e estatísticas de quaisquer géneros de produção e de consumo, sobretudo nos modernos tempos em que tudo anda, científica e economicamente, orientado e dirigido.

Mas são difíceis de obter, como o foram sempre, os elementos seguros da produção agrária, a não ser a do vinho, que hoje se consegue exacta, atendendo à obrigatoriedade do manifesto nos Grémios da Lavoura.

Folguedos e diversões. Do valor das freguesias.

Alguns costumes tradicionais, que gozam de um verdadeiro estado de graça na amplitude dos sentimentos comuns do povo das aldeias, por serem de maior norteamento axiomático, gradativamente especiosos de recordações festivas e são de certo carácter e relevo pagão ou de requêbrado viço amoroso, vão estadeando ainda a sua galhardia, em relembração folgada.

Pelo S. João, as diversidades galhofeiras e álares são grandes e rubras. É a quadra solstícia das fogueiras, dos sainetes de inspiração irreverente, das fustrias, das orvalhadas e dos presentes de flores e ramalhetes com que os namorados enfeitam, como se enfeitam os campanários em dias de festa, as fontes e os campos.

Pelo primeiro de Maio, pelo Entrudo e pelas festas mais expressivas do Ano, as diversões são tão variadas de culto e tão cheias de enredos lendários e supersticiosos, que para referi-las todas teríamos de transportar para aqui as 305 páginas das *Tradições Pop. de Guimarães*. (1)

Frequentes são os ajuntórios, aos domingos e dias santos, em certas devesas e carvalhais, onde as moças e moços namoradiços se divertem em alargadas rodas de dança, e se retoçam em seguros e possantes ramos de carvalho, jogando o fito e o pau por entre gritos e rixas. As violas, os cavaquinhos e os harmónios acompanham estas brincadeiras, estes bailes campestres, estas *forças* de corações aos pulos, que amadurecem de um rosado bruido todas as faces, e onde o amor é amimalhado com presentes de bom gosto e bom sabor: lá vai um abraço em corrupio, um beijo furtivo, um beliscão de polpa, um gritinho assustadiço...

Tudo isto dura um ai, para quem é moço, embora a brincadeira só disperse com o cair da tarde.

Este divertimento favorito das redouças ou bambois, vem de séculos. Nasceu e perdura nas aldeias à falta de outros e melhores. Cada âmbito de sociedade tem os seus folguedos, as suas diversões, para matar o tempo. Ao quadrar do viver rústico, plena Natureza, naquele

(1) Ver este livro de Alberto V. Braga, Esposende, 1928.

vazio social, cheio da pujante floração, que vem em ondas de crescimento ao nível da terra sementada, e do que gravita em criação espontânea, os divertimentos surgem em passos de dança. Sendo tudo tão livre, sem fingidos nem convenções nos agrupamentos das gentes que vivem no afastado dos casais, os desenfadados tornam-se gradativamente numa expansão de sentimento colectivo, que provoca, aliás, expressões regionais de cultura, nas graças e adestramento das festadas, das danças e das cântigas ao desafio.

No século XVII, estas reuniões de moços e moças estavam tão arraigadas no sentimento amoroso da gente do campo, eram tão frequentes, tão lampeiras e arraiadas por todas as bandas, que levou em 1656, um visitador arquidiocesano, a lançar a seguinte admoestação no livro das visitações da freguesia de S. Tiago de Ronfe:

«Fui informado que nesta freguesia havia entre os mancebos e moças, galhofas muito deshonestas e lascivas a que chamam bambois e redouças, burra e choqua, (1) invenções diabolicas que o demonio traçou para induzir os animos a ilicitas conversações e tratos deshonestos, pelo que mando ao rev. pároco, não consinta mais na sua freguesia semelhantes ajuntamentos. E constando-lhe que em qualquer parte se fazem, condenará em um tostão por cada vez, a cada uma das pessoas que se acharem nas ditas galhofas, assim homens como mulheres.»

A toponímia popular é fértil e bizarra, e líricamente saudosa e festiva. Particulariza o povo, os lugares mais agradáveis e de tradição, especializando em valor suburbano e local, numa expressão de origem regional, aqueles sítios das suas reuniões, dos seus arraiais, dos seus divertimentos e desvios amorosos. E é tudo obra da sua irradiação imaginativa, da sua presença do comezinho e do prazenteiro, da sua observação elementar, mas inconfundível, orientando e marcando com a sua geografia humana de

(1) Choca — jogo da bola. Segundo Manuel de Faria, é um jogo em que se provam forças, ligeireza, ardis e furores, como em qualquer batalha.

conhecimentos e recursos naturais, os lugares e os pontos que palmilha, pondo-lhes nomes apelidativos que só ele conhece e identifica. E não crisma sòmente os riachos, os campos, os montes, as tapadas, as sortes, as devesas, os penedos, as fontes e as poças, como também os caminhos e os lugares.

Como curiosidade, e porque só este capítulo nos podia levar longe, em demonstrações e exemplos, damos indicação de alguns nomes dos mais pitorescos e saborosos, e onde a imaginação popular se revela de mais exuberante e excitante alacridade:

Sorte da Brincadeira (na freguesia de Tàgilde); *Monte da Embaladoura* (freg. de Gondar); *Lapa dos Namorados* (freg. de S. Torcato); *Penedo dos Casamentos* (freg. de Prazins); *Lapa da Mulber* (Azurém); *Ilha dos Amores* (Costa e Vizela) *Fonte da Preguiça* (Vizela); *Penedo da Saudade* (Vizela); *Penedo do Almoço* (Silvares); *Penedo das Viúvas e do Viúvo* (Gandarela); *Penedo da Velha* (Prazins); *Penedo das Cerejas* (Vila Nova das Infantas); *Rua das velhas* (S. Romão de Mesão Frio); *Monte da Pobreza* (Sta. Leocádia de Briteiros); *Sortes: Vale de Piscos do Barbeiro* (Castelões) *Meja Velha* (Ronfe); *Monte da Albarda* (Id.) *Bouça do Formão* (Id.); *Bouça do Caniço* (Id.); *Monte da Polé* (Id.); *Fonte da Porca* (Castelões); *Tapada Vale da Raposa* (Castelões); *Sorte da Serpe* (Moreira de Cónegos); *Tapada Rechã do Vaqueiro* (Gondomar); *Sorte Pedra Encavalgada*, *Penedo da Silva* (Atais); *Monte Pena de Lebre* (Fermentões); *Barroco de Cem* (Tàgilde); *Montes: da Serpe e da Cêrca* (S. Martinho do Conde); *Monte da Forca* (St.^a Cristina e V. N. de Sande). *Penedo da Caminha da Senhora* (Silvares); *Monte da Cruz* (Brito); *Monte do Calvário* (Gondar) *Monte de S. Tiago* (Penselo); *Monte de S. Paulo* (Moreira de Cónegos); *Monte de S. Bento* (Tàgilde); *Monte de S. Bartolomeu* (S. Clemente de Sande); *Monte da Santa* (S. Jorge de Selho); *Monte de S. Miguel* (Prazins); *Monte de Santo Antoninho* (Matamá) e *Serra de Santa Catarina*; *Lugar das mentiras*, (S. Lourenço de Sande); etc., etc.

As freguesias não valem pelos volumes extensos e acavalados de terras despidas e inertes, nem verdadeiramente pelo seu acréscimo populacional, largueza de território ou heranças particulares e burguesas de ordem absolutamente material, em lindezas pesporrentes de palacetes e assenhoriamento egoísta de terras, bouças e montados.

Rico ou pobre, bonito ou feio, perto ou distante, um lugar ou uma freguesia só colectivamente se podem impor, pela extensão das raízes produtivas e das gavinhas duma sociabilidade de trabalho e união moral e vincular dos affectos e do compadrio, nos amanhos da produtividade agrária.

Valem, ainda, os aglomerados das freguesias rurais, pelos seus núcleos de indústria local e caseira, pela realização económica das feiras das suas associações bovinas e pelas suas manifestações etnográficas e folclóricas.

E valem moralmente pelo espírito, pela acção social e apostolado religioso, pelo coração e pelas escolas que abrigam, pela assistência infantil em cantinas e associações católicas e pelo encanto fraternal da reciprocidade caridosa e humana dos seus habitantes.

Todas as actividades morais e sociais vão, directa ou indirectamente, levar o seu concurso ao elemento etnográfico, orgânica de toda a vida espiritual e tradicional de um povo.

Todas as actividades do trabalho bem conduzido levam, directa ou indirectamente também, proveitos e benefícios aos vários factores da economia geral, local e caseira.

Por um importante e consciencioso relatório estatístico, fornecido a Eduardo Moser, quando este abriu, em folheto, hoje desconhecido e muito valioso de informações, uma campanha de defesa, a favor da projectada via férrea de Bougado a Guimarães, e organizado o dito relatório, em Agosto de 1874, pelos doutos vimaranenses Drs. Alberto da Cunha Sampaio, Avelino da Silva Guimarães, José Joaquim de Lemos e José da Cunha Sampaio, avalia-se já, dez anos antes da realização da primeira Exposição Concelhia de 1884, do grande valor industrial das nossas freguesias rurais. (1)

Entrando nas judiciosas considerações daqueles ilustres organizadores da estatística, temos muitos pontos a considerar e a referir, dada a autoridade dos nomes

(1) *Breves considerações sobre a projectada via férrea de Bougado a Guimarães*, por Eduardo Moser, dedicadas à Ilustre Câmara Municipal de Guimarães, 2.^a edição, correcta e aumentada, Porto, Tipografia Lusitana, rua das Flores, 1874.

que firmaram tão valioso documento informativo, visto que têm o sabor e o valor da idade, 87 anos decorridos, até hoje, desde os métodos experimentais de então, até ao progressivo nível de merecimento que as indústrias atingiram nas épocas que decorrem. E diziam naquela altura: «As indústrias não se localizam todas dentro das barreiras. Geralmente começam na cidade e estendem-se pelas freguesias rurais, mormente do poente para o norte. A população agrícola mistura-se com a fabril. O tear defronta a cada passo com a granja; e o fumo das forjas confunde-se frequentemente com o do casalejo rústico.»

«Do fabrico de meias de linho, e bordados de lençóis, travesseiros e toalhas de rosto, parece viver uma terça parte da população feminina de Guimarães. As mesmas filhas de famílias remediadas ocupam-se deste mister. Para se chegar a um cálculo aproximado desta indústria caseira, não tínhamos outra fonte a que recorrer senão os livros dos negociantes especializados que fornecem o pano e a linha, pagando o feitio por peça.»

Estas imagens de laboriosidade são feitas.

O quadro pode tornar-se ainda mais completo, porque além da celebridade dos linhos, havia a indústria afim das rendas e das flores de linha, labor caseiro e doméstico que se perdeu pelo decaimento das últimas freiras e recolhidas, que educavam e mantinham uma mocidade de raparigas que se votavam com ardor à finura dessa arte de leveza, de puro engenho artístico. Vem de séculos, honra seja àquele passado glorioso da florescência manual, a primazia que justamente distingue o Concelho de Guimarães como uma região essencialmente entregue à sua cabouqueira jornada agrícola e industrial. Este duplo carácter de labor criou raízes tradicionais e históricas, por vir, de facto, de há muitos séculos.

Assim se formou e destacou, em unidade social, a índole desta população, projectando as suas possibilidades manifestamente assinaladas e mantidas dentro das ubérrimas produções do campo agrícola e fabril. Pena foi que se tivessem obscurecido e perdido, muitas indústrias caseiras, que ainda hoje podiam ser o quotidiano equilíbrio económico de muitas famílias humildes.

Era certo que não havia, através das freguesias mais populosas do Concelho, casa de cabana que não tivesse

junto da lareira ou do catre, no pavimento térreo ou soalhado, um tear manual, onde se teciam os linhos, as talagarças, os riscados, os cotins, as mantas de farrapos e as colchas, por conta das fábricas ou dos comerciantes que forneciam o fio, já passado das urdideiras para os órgãos carregados (1). A indústria era na sua maior produção, manual. Muitos artigos de arranjo feminino e uso familiar, e ainda todos os aprestos da lavoura, desde o arado à enxada, desde o jugo à peneira, desde a roca ao painel de barro, desde o garfo estanhado ao pente dos bichos, eram produzidos pelas chamadas indústrias caseiras, então prósperas e hoje decadentes.

Algumas destas indústrias caseiras, passaram para a progressiva indústria mecânica. De muitas, já nem se fala.

Localizam, os autores da estatística, a *ourivesaria* nas ruas da Tulha e da Rainha. Compreende fabricantes e negociantes. A exportação faz-se para vários pontos das Províncias de Trás-os-Montes, Douro, Alentejo e Brasil. Emprega 85 operários. As vendas regulam por 240.000\$000 réis.

Os couros curtidos empregam 352 operários. O estado desta indústria é próspero. Ultimamente tem-se feito vendas consideráveis para Espanha. Na guerra da Crimeia, Guimarães forneceu aos aliados uma grande porção deste artigo. Desta época data o seu desenvolvimento. As vendas regulam 640.000\$000 réis.

Correeiros, seleiros, etc., emprega esta indústria 45 operários e o valor dos seus produtos é de 14.000\$000.

(1) Estas tecedeiras de teares manuais, espalhadas por todos os recantos cabaneiros das freguesias do concelho, quer tecessem linhos, estopas, riscados, mantas de farrapos ou talagarças, tinham a sua juíza do ofício. As juízas do ofício de tecedeiras de *tear baixo*, assim eram chamados os teares manuais, caseiros, eram nomeadas pela Câmara, e perante ela tinham de tomar juramento.

Em 22 de Junho de 1695, tomou juramento de *juíza do ofício de tecedeira de tear baixo*, Margarida Luísa, solteira, do Cano de Cima.

Em 20 de Agosto de 1783, foi nomeada juíza do ofício de tecedeira de talagarças, Teresa Joaquina, desta vila.

Em 19 de Dezembro de 1787, foi eleita juíza do ofício de tecedeira de talagarças, Eusébia Bernarda, da rua de St.^a Lusía.

Em 24 de Dezembro de 1808, foi nomeada juíza das tecedeiras, Francisca Machado, da freguesia de Curvite.

Calçado grosso. Calcula-se haver na cidade e subúrbios, 140 estabelecimentos, que fazem sapatos ordinários, tamancos, e principalmente chinelas brancas. A maior quantidade é exportada para todas as terras do país especialmente para Trás-os-Montes, Porto, Alentejo e Brasil. Emprega 700 operários, que produzem 329.000 mil pares de calçado, no valor de 197.400\$000 réis.

Penteeiros. Fabricam pentes de ponta de boi que se exportam para muitas terras do país e para o Brasil. Emprega 47 operários e o valor da produção é de 13.000\$000. Esta indústria esteve quase a desaparecer. Nestes últimos anos têm tido certo desenvolvimento.

Confeitaria. Prepara peras, cidra, figos e ameixas que se exportam em bocetas para vários pontos do país e para o estrangeiro. Existem dois conventos de freiras e quatro oficinas que disso se ocupam. Avalia-se o doce exportado em 3.000\$000 réis. Decaiu da sua florescência.

Cotins e riscados de algodão. A maior quantidade de teares acha-se dispersa nas paróquias rurais ao norte e poente, como Sande, Leitões, Brito, Ronfe, Airão, S. Jorge, Gondar e Fermentões. A tecelagem é feita aqui em teares de madeira, colocados nas próprias casas dos operários. Estes teares dispersos trabalham por conta dos fabricantes. Entre tecelões, urdidores, doba-deiras, etc., deve empregar 644 pessoas, e o valor das vendas, 108.360\$000 réis. A tecelagem de cotins e riscados é de mui recente data. Foi introduzida neste concelho pelos anos de 1836 a 1840, por um pequeno negociante de panos de lã, da freguesia de Ronfe. Este, como quase todos os iniciadores, morreu pobre.

Pano de linho e toalhas de rosto. Localiza-se esta tecelagem nas freguesias de Moreira, Guardizela, Gandarela, Nespeteira e Lordelo (1). Antigamente só se tecia pano estreito. Exporta-se para todo o Portugal, para o Brasil e mesmo para Inglaterra. Calcula-se em 430 os operários que vivem exclusivamente deste trabalho e em 125.600\$000 o valor do fabrico.

Adamacado e damasquilho de linho e de algodão, ligaduras, lenços riscados de algodão, etc. Estes tecidos são justamente

(1) Lordelo, em 1842, era o maior centro de fabrico de linho. Tinha 38 tecelões.

afamados, principalmente as belas toalhas adamascadas de linho das freguesias de S. Jorge, S. Cristóvão, Serzedelo, Cadoso, Pedome e Paraíso. O número de operários á calculado em 936 e o valor dos tecidos exportados por ano em 236.250\$000 réis.

Linha. O fabrico da linha é uma indústria caseira muito antiga. Decadente numa certa época, a exportação tem-se elevado nestes últimos seis anos. É fiada e torcida exclusivamente por mulheres. A linha exportada em maços e caixas é avaliada em 32.000\$000 réis. (1)

Cutelarias. Comporta a indústria de tesouras finas, tesouras baixas, garfos, navalhas, facas, machados, enxós, fouces, cutelos, fechaduras, dobradiças, etc. Localiza-se esta indústria em várias freguesias e lugares. S. Jorge, Pisca, Miradouro, Pedras Alveiras, S. João de Ponte, Sande, Taipas, Tágilde, Urgeses, Prazins, S. Cláudio e Souto.

A exportação faz-se para o Brasil e Colónias.

Quisemos apresentar, com estes resumos curiosíssimos, o valor económico das freguesias onde estas indústrias estão hoje progressivamente aumentadas e desenvolvidas, com fábricas, fiações, tinturarias e aparalhagens das melhores, segundo as regras científicas e técnicas que todas estas indústrias necessitam para o desenvolvimento da produção, apuro e qualidade dos artigos manufacturados.

Mas quantas fábricas se estendem hoje à roda de todas as freguesias!

É impossível referi-las, assim de rápido, sem a necessária habilitação de informações.

Confrontar, todavia, estes dados informativos, que são os primeiros enfeixados em relatório estatístico, e foram fornecidos e publicados em 1874, com os que Alberto Sampaio nos deu no seu valioso *Relatório da I.ª Exposição de 1884* e Francisco Martins no *Labor da*

(1) Em virtude dos roubos que se praticavam com o fio de linha, a Câmara determinou em 21-6-1837: 1.º Que os sarilhos sejam aferidos e tenham meia vara de cruz a cruz, e que desdobrada a linha venha a ter uma vara de comprido — 2.º Que cada maço de linha tenha trinta cabeças e cada cabeça dez negalhos e cada negalho trinta linhas — 3.º Que as linhas vendidas a retalho estão sujeitas à mesma medida pelo que toca ao seu comprimento, tendo dez réis, trinta linhas, e cinco rs., quinze linhas.»

Grei, volume comemorativo da II.^a Exposição de 1923 e actualizá-los, seria um trabalho grandioso, o maior que esta Terra e Concelho podiam apresentar, pro-vativo de todo o seu valor, exuberantemente manifestado nas altas escalas da sua actividade Industrial e Comercial.

Dentro de uma actividade regional de economia, temos ainda as freguesias que se entregam à laboriosidade, embora modesta, das indústrias caseiras; algumas delas só alimentam as necessidades do governo familiar e limitam-se a um comércio restricto. São indústrias dispersas, desagregadas, mas de grande mancha rústica nos doirados e verdes panoramas duma lavoura fecunda e febril.

Tágilde, Sande, Urgeses, com os instrumentos agrícolas; S. Torcato, mantas de farrapos; Infias e Polvoreira, trabalhos de verga, vime, zangarinho e arranjos caseiros — baldes, saleiros, rocas, espadelas, cadeiras, caixas, pás, rodos, malhos, etc.; Urgeses e Polvoreira — partizelas, fouchinhas, ancinhos, enxadas, etc.; Donim, paus de socos; Santa Cristina e Balazar, colheres de pau, aros de peneiras e crivos; Gominhães e Polvoreira, rocas e fusos.

Esta passagem tem de ser focada levemente, porquanto sobre as indústrias caseiras longo capítulo já escrevemos (1).

Dentro da actividade moral e social, um ror de freguesias se destacam. As que têm as suas Casas do Povo, as que têm as suas cantinas escolares, os seus asilos, os seus sindicatos, os seus grupos populares excursionistas, etc. Há ainda freguesias que têm as suas casas dos agrupamentos católicos, onde fazem as suas reuniões e dão espectáculos — Gondomar, Serzedelo, Azurém, S. Romão de Mesão Frio, etc.; e seus grupos de escuteiros — Ronfe, S. João de Ponte, S. Jorge de Selho, Guardi-zela, Brito, S. Martinho de Candoso, S. Torcato, Nespe-reira, Polvoreira e Gémeos.

Há freguesias, que pelo seu próspero desenvolvi-mento são uns centros produtivos de real valor e têm, por esse facto de manifestação progressiva, a comodidade

(1) *O Labor da Grei* — Publicação comemorativa da Exposição Industrial e Agrícola Concelhia, realizada em 1923, págs. 130 a 140.

dos seus bairros, um espalhado e variado comércio local-deiro, e a regalia de feiras semanais e anuais. Em S. Jorge de Selho, no lugar do Pevidem, feira semanal, aos sábados; S. Torcato duas feiras de gado, realizadas nos dias 27 de Fevereiro e 15 de Maio de cada ano; Mascotelos, grande feira anual de gado, uma das mais antigas, chamada de St.^o Amaro, a que adiante faremos referência; Santa Maria de Airão, realiza a sua feira semanal às sextas-feiras. Foi criada em 1879. Em Nespereira, feira anual de gado bovino. Na populosa freguesia de Infias, e no lugar de Atim, foi inaugurada em 20 de Abril de 1952, uma feira anual de gado bovino, com prémios para os melhores expositores.

Dentro da actividade artística e do seu alto mérito intuitivo e realizador, que não é de escola, mas de jeito e habilidade, e não é envaidecido, porque é natural e está no fundo do ser de muita gente simples, modesta e quiçá analfabeta, temos larga representação nas freguesias onde existem os abridores dos jugos e fabricantes dos arcos dos bois, enramados, dos cavaquinhos e pandeiretas de romaria, das rocas de variados feitios e das espadelas e espadadoiros do mais bizarro simbolismo amoroso — S. Lourenço de Sande, S. Paio de Vizela, Infias, etc., etc.

Em S. Miguel, Urgeses, S. Torcato, St.^a Maria de Souto, existem muitas bordadeiras, que a ponto corrido, de cruz, de canutilho e de favo, executam com mãos de fada os mais simples e expressivos trabalhos em camisas, coletes de rabichos e lenços de conversados.

Nas freguesias mais circunvizinhas e apegadas ao centro urbano, é que, por certa influência civilizadora e pelo directo comunicar com os levandiscos magotes dos mercados e das feiras, se apuram os gostos artísticos das gentes do campo, que até mais asseadas se vestem e mais desenvoltas se apresentam.

De maneira que nas freguesias da Costa, S. Torcato, Polvoreira, S. Miguel e Pevidem, é que melhor se pratica o culto das danças, sendo ali recrutados os mais mexidos dançadores e dançadeiras da região, e onde existem os mais típicos e bem conservados trajos regionais.

E é vê-los, com que mestria eles percorrem num equilibrado e medido compasso de rítmica cadência, bustos direitos como fusos ou requiebrados como fus-

tigas de poda, a escala das danças minhotas mais em voga entre nós, e que sob esta ordem classificaremos:

1.^a Descansada (ou vareira descansada); 2.^a Tirana; 3.^a Chula; 4.^a S. João em dança traçada. 5.^a Margarida; 6.^a Vira; 7.^a Dança do Velho; 8.^a Malhão; 9.^a Caninha Verde; 10.^a Regadinho;

As músicas destas danças têm umas leves variantes, e acompanham, a modos, o compasso integral e insofismável que as distingue.

Entre os passos e trespassos da coreografia rústica, afora as estudadas vénias ou requebros de pernas e de braços e encruzamento dos pares, a temática, quer queiram quer não os fantasiadores líricos das descrições regionais das danças, que de nome variam ao jeito das velhas e primitivas andanças de roda, a temática anda sempre, quer no Alto-Minho, quer no Baixo-Minho, à volta dos passos conhecidos, clássicos, aferidos e áticos da chula, do malhão e do vira.

Estas três danças, são as mais antigas danças populares portuguesas, as mais características e vulgarizadas. De fundo cunho nortenho, só no Minho se dançam com aquela impecável graciosidade de harmonia e de ritmo.

A roda dos lugarejos e assentos dos casais, como ao redor dos ninhos rumorosos, e dos canaviais da passarada orquestral, onde quer se topam os cantadores e cantadeiras de desgarrada, causando assombro a torrente de inspiração que brota em lampos repentinos daqueles cérebros, que mal tempo têm de abarcar o que ouvirem para ripostarem de enfiada entre quatro zangareios de viola. Entre a pergunta e a resposta há uns arranjos de trocadilhos, que todavia saem ligados à cadência da festada e ao tema que se debate, numa harmonia bem soante e marcada, muito embora as rimas, por vezes, não acamaradem com aquela sonidade do mesmo eco.

Nas festadas ou tocatas, luxos tricanos e pomposos de romaria, onde os tocadores se desunham e as cantadeiras se repenicam por meio dos dançadores, como o namorar abicado das pombas ou os requebros dos galos no bater da asa saltitada, são as freguesias da Costa, de S. Jorge do Selho (Pevidem) e S. Torcato, as que apresentam os grupos mais uniformes e mais típicos, quer nas danças e nos trajos, quer nos cantares e na instrumentaria.

O clarinete, a flauta pastoril, a ocarina rústica, o harmónio e as castanholas, quadram bem em qualquer festada. Do mais está certo: violas chuleiras, violões, rabeças, cavaquinhos, reque-reques, ferrinhos, tambores e bonecos.

Mereceu grande destaque o Agostinho Pereira, de Creixomil, velhote suíço, que durante 50 anos animou com o seu clarinete todas as festadas, contratadas para as rifas, arraiais e festas de cerimónia fidalga. Era o único clarinete segurinho, capaz de manter em compasso a maior festada de tunos. António Pereira, o ceguinho, de S. João de Ponte, em rabeça ramaldeira, era o mais artista entre os artistas da sua laia. Domingos Martins, de S. Miguel, em viola ramaldeira, tinha os seus créditos firmados. Jerónimo Ribeiro, de S. Miguel, era um excelente violão e José Mendes, de Urgeses, um apurado cavaquinho.

É esta gente modesta, no seu convívio colectivo, pelos espriados arraiais das festas e folias, que vai alimentando e enriquecendo o folclore, animando sempre a apurada, distinta, honesta e delicada estética das danças e o gorjeio doce e saudoso dos líricos cantares. É esta gente trabalhadeira que no aproveitar dos serões, vai familiarmente, domèsticamente, conservando os temas sagrados da tradição, e achegando à curiosidade dos novos o saber do passado, nas maravilhas cantadas das lendas, dos romances, das adivinhas e das historinhas.

O folclore do Baixo-Minho não tem, na tradição oral dos cantos, dos rimances, modilhos e dos cantares, abundante riqueza temática nem abundância lendária de simbolismos.

A riqueza que tem, pouca ou muita, traduz-se numa singeleza de doçura lírica, entre a saudade e o amor.

A poesia e o romanceiro nasceram ao canto do berço, viveram e cresceram na liberdade sádia da terra, e sobrenadam pelas ondas do mar, quando de partida alguém se vai, lonjuras em fora, para os sertões brumosos das patacas chilras.

As toadas musicais e as danças não são muitas, mas são alegres, batidas de palmas, castanholadas de chinelinhas. Têm a viveza das colheitas, a quentura agradável e doce do vinho novo e a fibra rubra do temperamento sacudido e do carácter forte da nossa gente festeira, decidida e afouta.

Festas. Romarias. Procissões.

A par dos festivais profanos no campo público das feiras e romarias, bordaram-se afectivas ligações de comunidades titulares e religiosas, com regozijo interno de cerimónias rituais aos padroeiros, procissões pelos adros, pelos arraiais, pelos caminhos, guiões ao alto, figurado representativo e alado e carros alegóricos da mais sideral simbologia cristã.

Os arraiais, por sua vez, querendo alargar em índole visual e achegos sociais o futuro e o desenvolvimento urbanístico das freguesias, inventaram as rifas, cartazes pregoeiros de atracção e auxiliares vantajosos para a fábrica das irmandades e para as comissões das festas, e que constituem, no fundo e na essência, o primeiro abraço de negócio amparado pela favoreza dos Santos, o primeiro comércio leiloadado, com reclamos e chamariz, entre o grutesco apalhaçado dos leiloeiros e o pimentão das suas falas em rima, tudo conduzido eròticamente ao regalo das multidões e ao sabor dos seus instintos.

Todos os relevos característicos das coisas presenciais do negócio ambulatório, aproximam a nossos olhos os recursos e os artefactos de realidade dos locais onde se apresentam, nas montras atoalhadas dos tabuleiros e no tendal dos caminhos, no balcão das locandas ou no terreiro das feiras e arraiais.

Deste modo caminheiro e peregrino de andar nas orações e nas promessas aos santos de aqui e de além, e no negociar bufarinheiro de apresentar o que mais incite e alicie o espírito do povo, se vão desenvolvendo e tornando conhecidos os panoramas dos lugares e dos costumes.

O comércio miúdo foi de começo o que melhor se ajustou à sombra dos festivais. O negócio toma a sua parcela de quinhão onde vir que há vida e rumor de trabalho. É cadeia dinâmica que anda à volta dos Santos e dos homens, em redor dos templos e das fábricas.

Os costumes criaram o seu ambiente próprio, de molde a não ficar mal que à roda da devoção, se criassem certas necessidades de negócio arrabaldino, e o exterior de compras e vendas fosse uma parcela económica de amparo para o miúdo e improvisado comércio das localidades.

Na lufa mercadejada de cada freguesia, em maré de festança, lucraram o lavrador, os vendedores, as tendeiras, as doceiras e o casco das irmandades. As rifas têm avolumada concorrência; os registos, mortalhas e ex-votos vendem-se melhor; as esmolos são mais pingues e os lugares tornam-se mais conhecidos e visitados.

Há por vezes um valor razoável de animação, e músicas, fogueteiros, iluminadores, armadores, amanhadores de arcos de romaria, etc., desenvolvem e despacham os seus serviços na medida compensadora dos seus lucros.

Depois temos de concordar que é nos modestos arraiais, onde os cruzeiros tomam uma nota dianteira no respeito da fé, que melhor se sente, na sua rude expansibilidade, a alma do povo, e mais expressão se verifica em todas as gamas etnográficas que o focam no seu meio e no calor do seu ambiente.

Adivinham-se melhor, nos seus lugares, as características próprias da movimentada vida do povo, os trajos morrendo num disfarce de roupetas acetinadas nos corpos das cachopas mais romanisqueiras, que às danças ainda sabem dar, louvar a Deus!, aquele jeito querendoiro de tantas maravilhas aprendidas nos lares e nas eiras, nos campos e lagares, nos linhais e nas ceifas. (1)

As mais antigas, jubilosas e remotas procissões de Guimarães, de solenidade anual, e realizadas pela Câmara e pelo Cabido, onde o tradicionalismo pagão se aliava à cristianização dos mais ferventes princípios da fé, mestiçadas e riçosas festanças onde entravam as danças e folias mais diversas e variadas, e os tangeres e as exhibições extravagantes, curiosas procissões de prece, de penitência, e de acção de graças, com modalidades rituais no público celebração processional, passaram à história. E bem marcantes foram, na gama polvilhada das cores e dos zangarreios estridentes, se atendermos ao que vem escrito de longe, sobre as rondas de S. Sebastião e as festividades caprichosas do Espírito Santo, a que chamavam da *Candeia Pavio* ou *Rolo*, e as de *Corpus Christi*.

(1) Ver *Curiosidades de Guimarães* — VI — *Feiras e Mercados*, 1940, págs. 42 a 46.

Uma das procissões mais antigas, singulares e luxuriantes, era a de *Corpus Christi*. (1)

Rica e aparatosa na entronização de variados ritos judaicos, com música instrumental e tangeres prosaicos e monódicos era abrilhantada por numerosos andores, que foram abolidos em 1779, e pelas diversas bandeiras dos officios. Havia jogo de canas, cavalhadas e corridas de touros. A passagem de tão soberana e eloquente procissão, as praças e ruas eram juncadas de ervas cheirosas e flores, que as freguesias eram obrigadas a trazer nesse dia festivo e de mundanidade fervilheira.

Em princípios do século XVIII, até os nossos dias, pontificava nesta soleníssima procissão do Corpo de Deus, a figura austera e constelada de S. Jorge, que abria o préstito, ladeado por duas filas de cavalos da nobre fidalguia de Guimarães, ricamente ataviados com xaireis brasonados a escumilha, abas pendentes e coruscantes de trena, de prata e oiro, seguindo à arreata os palafreiros com vestiduras alabitadas de seda e veludo e avivados reluzentes, calção e meias brancas, tufos e rendas no engomado das camisas escudeiras.

«Principiava a Procissão indo na sua frente em hum formoso cavallo soberbamente ajaezado o nosso Guerreiro e Defensor o invicto Mártir S. Jorge com o seu estado bem luzido e numeroso: seguião-se as Corporações dos Offícios debaixo das suas respectivas bandeiras ricas, sendo conduzidas pelos seus próprios Juizes, e Officiaes vestidos de Corte com todo o asseio. Depois se seguião as Confrarias, as Irmandades, a Bandeira da Vila, pegando aos cordões dela os Almotacés; adiante desta a Corporação dos Ourives, com suas tochas, precedida pelos Escrivães dos Auditórios com o mesmo uniforme: seguião-se as Ordens Terceiras, as Comunidades Regulares, a Cleresia da Vila, os Cavaleiros das Três Ordens Militares adornados de seus Mantos e Insígnias; o Corpo do Cabido paramentado de Capas

(1) Ver uma desenvolvida e histórica descrição sobre as festividades do Corpo de Deus, no vol. XXXI da *Revista de Guimarães*, pág. 22 e segs.

de asperges, e no meio a devotíssima e respeitável Imagem de Nossa Senhora da Oliveira, riquíssima-mente vestida e ornada com a sua magestosa Coroa d'ouro cravejada de preciosíssimas pedrarias. (1)

Esta nova imagem de S. Jorge foi mandada fazer pelos ferreiros, alquiladores e seleiros de Guimarães em 1732, e desde então principiou a ter culto e veneração pública e a sair com regularidade sòmente nas procissões anuais de *Corpus Christi*, conforme o seu manifestado desejo, que ficou expresso na acta ordinária da vereação que segue, e que representa um documento muito elucidativo e curioso para a história do culto vimaranense a S. Jorge, padroeiro e defensor do reino:

«Na vereação de 21-VI-1732 appareceram presentes João Mendes Brandam e Joseph da Silva e Lucas de Sousa, ferradores e moradores nesta vila, e Bernardo da Rocha e Manuel Lopes, selleiros, e os selleiros e mais alquiladores ao diante assignados, e por eles foi dito e requerido a ele dito Juiz de fora e mais senadores que por terem concorrido e feito à sua custa a *imagem de Sam Jorge* e quererem que tenha culto e veneração publica, a querem colocar no altar da capela de António Peixoto dos Guimarães Freitas e Miranda, desta vila, ficando o dito dono da capela e seus successores por obrigados de guardarem a dita imagem como fiéis depositários sem terem mais nada na dita imagem mais do que a custodia dela enquanto este Senado o ouver por bem e eles ditos concorrentes asima declarados não quiserem dar-lhe outro culto em qualquer Igreja publica, e não poderão o dito dono da capela e successores dar a dita imagem de Sam Jorge para acto algum publico hinda que seja procição solene porque somente poderá sahir na de Corpus Christi que se celebra todos os anos, nem eles concorrentes a poderão tirar para publicidade publica. E outrosi se deu o dito António Peixoto dos Guimarães por depositario do manto com que se orna o dito Santo como tambem da sella que se fez para o cavallo.»

*Lá vai, lá vai o S. Jorge,
Nas alas da procissão;
Vinde ver, vai a cavallo,
E com a lança na mão.*

*O S. Jorge e o S. Tiago,
São irmãos na cristandade;
São guerreiros do Senhor,
E da santa liberdade.*

*O S. Jorge, coitadinho,
Aonde tem o seu altar?
Numa cazinha fechada
Onde ninguém pode entrar.*

(Quadras populares)

(1) *Relação do que se praticou em Guimarães em applauso da Feliz Restauração deste Reino* — Lisboa, M. DCCC.VIII.



Imagem de S. Jorge, em ronda processional.

Outra procissão notável entre nós era a do Espírito Santo, também chamada da *Candeia*, *Pavio ou Rolo*.

«Foi instituída em 1489, por voto do povo, em razão duma grande peste, que então grassava em Guimarães: sahia alternadamente da igreja de S. Francisco, S. Domingos e Santa Clara, recolhendo à Colegiada, acompanhada pela Câmara, Cabido e religiões da vila.

Precedido de algumas donzelas, festivamente vestidas, cada uma das quaes levava um açafate de pãezinhos redondos, cobertos e enramados de flores, era conduzido um pequeno andor, simbolizando a torre de Nossa Senhora da Oliveira, coroada pelas armas reaes e por uma pomba, e cercado d'um rolo de cera branca, que devia medir a extensão dos muros da antiga vila.

Em quanto a câmara, cabido e religiões, chegados ao largo da Oliveira, acompanhavam o andor à igreja para oferecerem o rolo com a mais cera, à confraria do Espírito Santo, colocavam as donzelas sobre um altar, levantado no padrão da Senhora da Victoria, os açafates dos pães, que depois de benzidos eram pelos vereadores lançados ao povo, das janelas da casa da câmara.

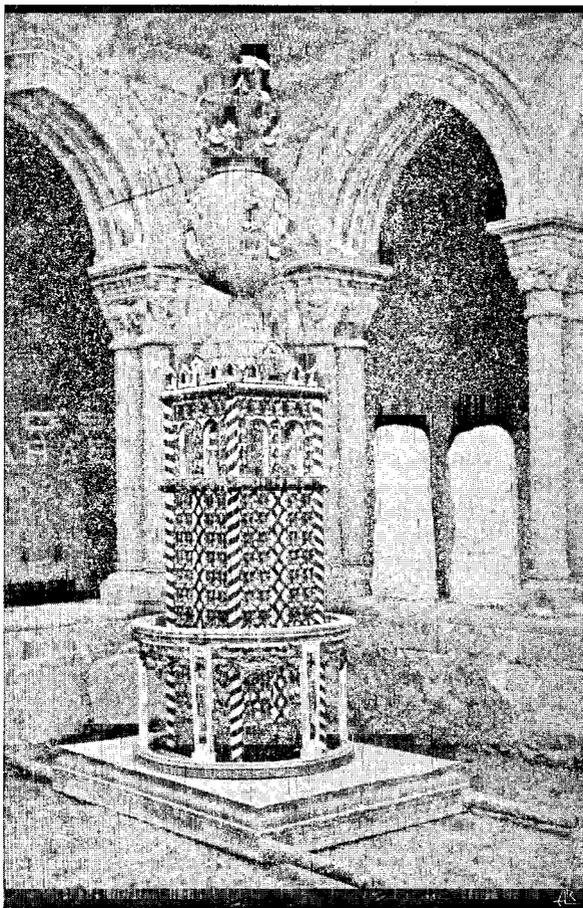
Esta procissão, que o povo chamava das *marafonas*, que eram as moças que levavam os açafates, saiu pela última vez à rua em 1866.» (1).

Mas se tudo o que é antigo, tradicional e histórico está relatado na odisseia das partituras profanas e no estilo significativo dos tempos passados, caminhemos em ronda de meditação e vejamos mais de presente o que acabou, o que se modificou e o que perdura.

Chegavam os dias grandes e quentes, arreguilavam as medranças da primavera e do verão e eram poucas as freguesias que não realizavam as suas festas, as suas romarias, as suas procissões.

Os oragos eram e são, sempre lembrados nos seus dias, mas na maioria só com festividades de igreja, pro-

(1) Ver o vol. I *Guimarães*, do P.^e António Ferreira Caldas, pág. 364.



Antigo andor da procissão do Espírito Santo, também chamada da Candeia, Pavo ou Rolo. A candeia para este andor, símbolo do Espírito Santo, devia ter 33 brandões em redondo.

movidas pelas Irmandades; fogo, bandeiras nas torres e nos adros, e arruadas de zépreiras.

As festas ao Santíssimo e a N. S.^a do Rosário, com jubileus, também são frequentes.

Em algumas freguesias do Concelho, nas festividades de maior pompa, com arraial de prendas e festadas, há um costume distinto, de cerimónia e cortezia, que é a *juíza da festa*, pôr ao peito do *juíz* da mesma festa, antes de este entrar na igreja, um cravo branco, e ofertar-lhe um lenço pequenino de renda.

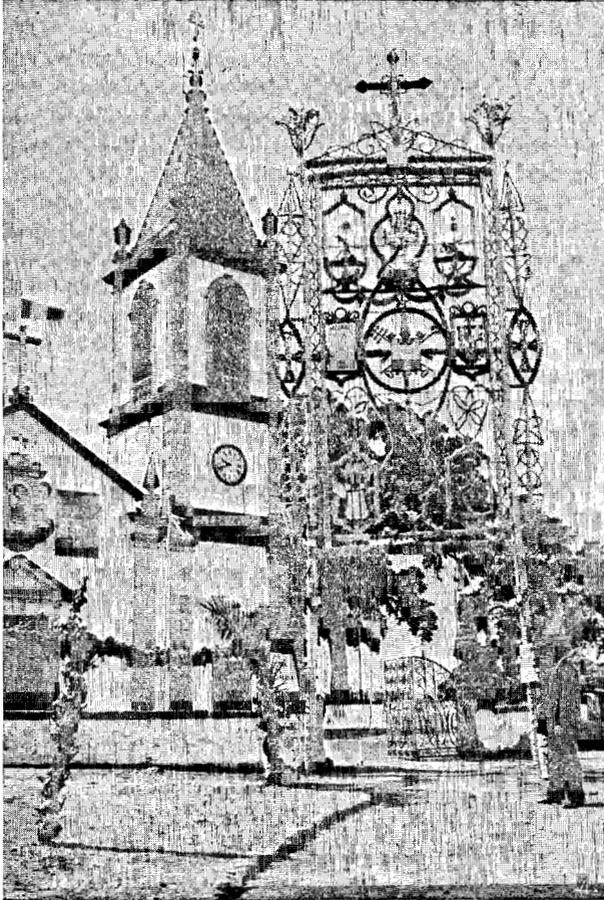
Precisamente quando as festas são mais ardorosas e consistentes, e passam para além das raías da freguesia os rumores da sua fama tradicional e da confiança no poderio espalhado das graças santeiras de intercessão, os peditórios irmandadeiros, com as mordomas à sua frente, correm de casal em casal, e tudo depois se arma à volta dos terreiros, dos cruzeiros e das igrejas, mais assinaladamente decorativo, mais camponesamente sumptuoso de garridice bucólica nos grilhões da murta, das heras e das cores do papel de seda dos laçarotes, das bandeirinhas e dos copinhos das tigelas de sebo das iluminações.

Um mês antes da festividade e da romaria, é hasteada a bandeira anunciadora, num alto pinheiro erguido em sítio próprio e destacado.

Pouco depois, à entrada principal do caminho ou da estrada que leva à igreja paroquial, é levantado o arco vistoso de rendilhados miudinhos de buxo, de flores, de murta, de algodão em rama e arrebiques de papel de cores, de trenas e de espelhos redondos de algibeira. Estes *arcos de romaria*, são verdadeiras obras elegantes de decoração e deslumbramento e elevam-se imponentemente como os andores de três rodas de peanhas das procissões das antigas rondas.

As duas hastes de pinheiros esfolados, e todo o arco-boiço estrutural da armação, em sarrafos, em fasquio e em vergas, aparecem revestidos e decorados tão engenhosamente, que vê-los de perto ou de longe, tomam os efeitos de um cosmorama, tão caprichosamente decorativos se apresentam, como uma linda e esbelta moça campesina, quando vai toda domingueiramente armada e enriquecida de oiros, na majestade processional da sua fileira de mordomia.

Nas procissões dos santos mais acreditados e milagrosos, costumam ir alguns romeiros, em voto de penitência ou de promessa, *amortalhados*, vestidos de morta-



Vistoso e simples arco de romaria.

lhas adornadas de flores, levando velas de cera nas mãos e coroas estreladas na cabeça, caminhando descalços.

Airão (St.^a Maria de). Realizavam-se duas pequenas romarias. Uma em dia de St.^a Luzia e outra em dia de

S. Silvestre. Havia festa do Coração de Maria, no primeiro domingo de Junho.

Arosa (St.^a Marinha de). Romaria a St.^o Amaro, na capela deste nome, que fica a pouca distância da igreja, a 15 de Janeiro, que é muito concorrida de devotos eromeiros.

Na primeira oitava do Espírito Santo outra romaria a N. Sr.^a da Boa Morte, na igreja da freguesia. Festa a N. Sr.^a do Rosário na segunda-feira do Espírito Santo.

Atães (St.^a Maria de) Havia festa anual, com procissão, à freguesia da Costa, onde a Irmandade levava um riquíssimo andor, para ser incorporado na tradicional procissão de S. Tiago, a 25 de Julho, de saudosa memória.

Balazar (Salvador de). Ficaram lembradas as festas da Sr.^a da Soledade, celebradas desde 1847 a 1852, promovidas pelos chapeleiros, numerosos então na freguesia.

Barco (S. Cláudio do) Fazia-se a festa da Sr.^a do Rosário no segundo domingo depois de Páscoa.

Briteiros (St.^o Estevão de) Festa no dia de Ascensão da Senhora.

Briteiros (St.^a Leocádia de). Havia uma romaria na segunda feira de Páscoa. Abaixo da capela de Nossa S.^a da Luz, situada no lugar de Arêdes, há uma fonte de água milagrosa, que é buscada para a doença dos olhos. Todos os que vêm fazer romaria à capela, lavam-se na fonte.

Briteiros (Salvador de). Havia uma grande romaria à capela de S. Romão, no alto da Citânia, capela que hoje se encontra ao abandono e arruinada.

Caldelas (S. Tomé de). Havia no domingo seguinte a 15 de Junho uma romaria concorrida a Santo António.

Conde (S. Martinho de). Na capela de St.^a Luzia faziam-se duas romarias, no dia 13 de Dezembro e dia de Natal.

Costa (S.^{ta} Marinha da). Celebrava-se uma antiquíssima romaria, a que adiante faremos referência, e onde concorriam os andores majestosos das freguesias de Atães, Urgeses, etc..

Ficou memorável uma grande festa a S. Roque, feita em 21-8-1819, havendo baile dos turcos e nos três dias seguintes touros na Misericórdia (1).

(1) Livro 1.^o manuscrito do Abade de Tãgilde.

Nestes últimos anos, no penúltimo domingo de Setembro, têm-se realizado grandes festividades a S. Roque, com procissão e arraial.

Donim (Salvador de). Romaria de S.^{to} Amaro, no domingo seguinte a 15 de Janeiro, sendo pouco concorrida.

Figueiredo (S. Paio de). Havia as romarias de S. Brás e de Nossa S.^a da Purificação, a 2 de Fevereiro.

O livro de Usos e Costumes desta freguesia, de 1710, esclarece:

«É uso e costume nesta igreja, não sòmente os fregueses mas também muita gente de fora, o virem de romaria a S. Brás e a N. S.^{ta} das Candeias e demais santos, e ofertarem aquilo que lhes parece, das quais ofertas está de posse e uso arrecadar o pároco desta igreja.»

Guardizela (S.^{ta} Maria de). Romaria de S. Bento, em dia de Páscoa, e de S.^{ta} Luzia, na sua capela, a 13 de Dezembro. Ronda de S. Sebastião, com o andor do Santo em volta da freguesia e festa solene à Sr.^a do Rosário.

Estas rondas ou cercos de S. Sebastião, isto é, as procissões com que os paroquianos cercavam as suas freguesias, traduziam um acto de grande devoção e também de expansivo regozijo e divertimento, e embora fosse de pura religiosidade levar S. Sebastião de charola, ao redor das freguesias para que as livrasse de todos os males e as defendesse da peste e da fome, o certo é que essas rondas tornaram-se mais tarde pouco respeitadas. (1)

Infias (S.^{ta} Maria de). Sai ainda, todos os anos, uma procissão com o Senhor das Chagas, em dia de S. José, que vai à Sr.^a do Monte, onde se demora duas horas, voltando para a igreja da freguesia. A sua festa principal é no domingo depois de Santa Cruz. (2)

Celebrava-se anualmente uma festa solene em honra da Sr.^a do Rosário, na segunda-feira de Páscoa; em dia da Anunciação de Nossa Senhora rezava-se outrora na igreja, um P. N. e A. M. por cada fogo que vive na freguesia,

(1) Ver *Curiosidades de Guimarães — Cercos e Clamores*, por Alberto V. Braga.

(2) A água que se toca nos pés do Senhor das Chagas da freg. de Infias, é milagrosíssima para febres e sezões. (Dicionário Geográfico).

e invoca-se como razão dos clamores irem a capelas dedicadas à Virgem, a muita devoção que em todos os tempos os moradores desta paróquia dedicaram a Nossa Senhora.

As Irmandades das Chagas e do Sacramento realizavam os seus jubileus.

Sobre a procissão do Senhor das Chagas de Infiás, lê-se no vol. XIII da «Rev. de Guimarães» a pág. 159, o seguinte:

«O que é certo é que no exterior da nossa construção está aberto um nicho, onde se expõe e festeja S. João (refere-se à capela da Sr.^a do Monte) no dia respectivo. Aí vem, nesse dia o Santo Cristo de Infiás, acompanhado pelas cruces das irmandades das freguesias vizinhas (dantes pelas cruces e pelas Irmandades); mas não pode demorar-se mais de duas horas, sob pena de ficar na posse da gente de Serzedelo, que é senhora do Padrão e desta parte do monte. Escusado dizer que estas estranhas «posses» ainda hoje são vulgares noutras partes.»

Sande (S. Clemente de). Na capela da Sr.^a da Saúde, no Outinho, havia uma romaria na primeira oitava de Páscoa, andando os penitentes de joelhos, à volta da capela. Também faziam o cerco de S. Sebastião.

Sande (S. Martinho de). Foi importante e de nomeada nesta freguesia, a procissão de Passos, que saía com grande e curioso figurado. Havia também a romaria de S. Mateus e as festividades de Endoenças, Santíssimo e Sr.^a do Rosário, no primeiro domingo de Maio.

Realiza-se ainda hoje uma pequena romaria a Santo Amaro.

Caldas (S. Miguel das). Fazem-se ainda, com grande concorrência de povo, três romarias à ermida de S. Bento — em 21 de Março, 11 de Julho, chamada a romaria de S. Bento das Peras e domingo de Páscoa.

Miraculoso advogado dos ruins e dos cravos, tem as suas ofertas de ovos, frangos, cereais, e de cravos rubros de canteiros, que as cachopas lhe levam em arreçadas, paga singela e humilde por o S. Bentinho as ter livrado das verrugas impertinentes, que como espinhos de roseiras bravas, lhes galeiravam as faces e as mãos.

«A festa na capela de S. Bento, ao titular, faz-se a 11 de Julho, com missa solene, sermão e procissão, até ao cruzeiro, etc., formando-se depois um populoso arraial, que ainda se repete em dia de Páscoa. A quase

totalidade das promessas feitas a S. Bento é cumprida em fogo do ar, que nos dois dias se queima em grande quantidade. Também como *ex-voto* se costumam cair os penedos próximos da capela.»

(«*Rev. de Guimarães*», vol. XI, pág. 23.)

A este Santo, costumam ir muitos clamores e muitos serões de raparigas, dos arredores de Vizela. (1).

Havia também a festa da Sr.^a das Candeias, a 6 de Junho, indo a procissão a Tãgilde.

Urgezes (S.^{to} Estevão de). Havia a romaria da S.^{ra} das Pedrinhas. A festa principal é a do Sacramento.

Vizela (S. Paio de). Havia uma grande procissão de S. Gonçalo, que se realizava no dia 10 de Janeiro. No final, o juiz da festa distribuía pelo povo, junto ao cruzeiro, vinte alqueires de tremoços e vinho. Com o mesmo cerimonial festivo, esta graciosa procissão voltou a ressurgir em 1952.

Longos (S.^{ra} Cristina de). Festa da S.^{ra} do Rosário no primeiro domingo de Outubro.

Nas Antiguidades de Entre-Douro-e-Minho, refere-se que os paroquianos da próxima freguesia de S.^{ra} Cristina de Longos eram obrigados a dar anualmente ao seu abade, no dia da festa da pecadora Madalena, *três figos lampões e uma cabaça d'água*.

A designação de lampões, como o indicam os profetas *Jeremias* e *Micheas*, aquele elogiando os figos que viu num cesto à porta do templo, e este dizendo: *Precoces ficus desideravit anima mea*, indicam os temporãos (2).

(1) Serão. Assim se denomina na ribeira do Vizela uma romagem constituída por crianças do sexo feminino, em número indeterminado, que, organizada, em cumprimento de promessa, por algum devoto, se dirige a alguma igreja ou capela, cantando pelo caminho e ao redor destas, a Ave-Maria e versos em louvor do Santo que se intenta venerar.

*S. Bentinho milagroso,
Com serão te vamos ver,
Por amor de teres sarado
Quem estava para morrer.*

Ver completas e curiosas informações sobre este assunto no vol. XVI das *Curiosidades de Guimarães* — *O culto poético popular e romeirinho a Nossa Senhora*.

(2) *Archeologia Christã*, por Albano Belino, pág. 238.

Gandarela (Salvador de). Havia nesta freguesia uma romaria na primeira oitava do Natal.

Gondomar (S. Martinho de). Havia uma concorrida romaria a 25 de Julho.

Mesão-Frio (S. Romão de). No primeiro domingo de Setembro realiza-se a concorrida romaria de Santo Antão no espraiado monte do mesmo nome.

Moreira de Cónegos (S. Paio de). Antigamente, na capela de S.^{ta} Marta, havia uma romaria à titular.

Ponte (S. João de). Era notável a romaria do Coração de Maria no quarto domingo de Agosto. Festa da S.^{ta} do Rosário no terceiro domingo de Maio.

Sande (S. Lourenço de). A festa mais importante era a de S. Brás, no domingo seguinte a 3 de Fevereiro, havendo arraial.

Serzedelo (S.^{ta} Cristina de). Há ainda as seguintes romarias: «S. Bartolomeu, na sua capela, a 24 de Agosto e Senhora do Calvário, chamada a festa das Cruzes, no domingo imediato a 3 de Maio, preparando-se 14 cruzes de madeira, muito artisticamente, com flores, e que se colocam no caminho da procissão. Há casas nesta e vizinhas freguesias, que por uso antigo enfeitam as cruzes, em que se esmeram à porfia.»

Esta romaria, verdadeiro mimo de beleza, ainda se faz, sempre enormemente concorrida, talvez com menos cruzes matizadas, mas com o mesmo simbolismo dos corações crentes e amorosos. Sim, porque os corações das mulheres são uns sacrários de devoção e amor. Por isso, quantas cruzes não seriam de segredosa surpresa! Sabe-se lá!

Festa anual à Sr.^a do Rosário.

Selho (S. Jorge de). Realiza-se nesta freguesia a romaria de S. Brás, no domingo seguinte a 2 de Fevereiro, que é sempre muito concorrida.

Festa anual à Sr.^a do Rosário.

Silvares (S.^{ta} Maria de). Na capela da S.^{ta} Padroeira há romaria no domingo de Páscoa.

S. Torcato. Nesta freguesia realizam-se as mais concorridas e alegres romarias do Minho, ao milagroso S. Torcato. A primeira, chamada romaria pequena, no primeiro domingo de Maio, a segunda, denominada romaria grande, no primeiro domingo de Julho.

São demais conhecidas, para que lhe façamos pormenorizada referência.

Em 1390 já havia uma concorrida romaria, em peregrinação, a S. Torcato, na terça-feira da Quaresma, a que eram obrigados os moradores de Aldão e de outras freguesias.

Nesta romaria havia um sermão, ou pregação, feito por um frade franciscano de Guimarães.

As freguesias que tinham de assistir eram 29, sendo parte da ribeira do Vizela, do Selho e do Ave.

Era uma espécie de ronda votiva, onde os peregrinos, acompanhados das cruces alçadas das suas freguesias, iam levar ao altar do santo milagroso, em penhor de graça, as suas alvinitentes capelas de flores e boninas, e com elas assistirem depois no incorporado cortejo duma solene procissão de louvor e penitência. O incremento e a fama devocionária tornaram, numa volantina, esta pequena romaria de voto, de símbolo expressivo e irmandadeiro, na maior romaria promissiva, santificada de milagres e de afamado regozijo popular, sem similar em todas as rodas portuguesas de arraial estonteante e animado.

Vizela (S. João de). Festa à Senhora do Rosário no quarto domingo de Abril.

Gonça (S. Miguel de). Ainda hoje se realiza, em 21 de Setembro a grande e concorrida romaria de S. Mateus.

Mascotelos (S. Vicente de). Nesta freguesia realiza-se a maior feira de gado bovino do concelho, chamada de S.^{to} Amaro.

É uma feira antiga e muito concorrida; junta para cima de duas mil cabeças de gado. Feira de luxo e de aparato, onde largamente se jogam, pela primeira vez, os *brilhantes*. Realiza-se a 15 de Janeiro, e os preços desta feira ficam mais ou menos a regular os altos e baixos de todo o gado bovino. Os lavradores têm a maior chance em apresentar aqui os seus gados num brinquinho de limpeza, todos enfiados e lustrosos.

Encarapinham-lhes a pelugem com vinagre e sabão, as hastes são envernizadas com azeite e os cascos com petróleo, enfeitando as cabeças das juntas e dos toiros com flores, quando não pendem das alentadas cachaceiras aquele luxo das coleiras mouriscas, a que chamam *corredões de campainhas*, no tilintar de muitos sons franzinos e no engalho de muitas borlas pendentes.

No domingo seguinte, é um dia inteiro de romaria franca, para a gente da cidade. Ir à romaria de Santo Amaro, é ir ao encontro dos namorados, dos brilhantes, do movimento, da algazarra, dos bons farneis e por vezes da larga pancadaria, entre os rivais do derriço.

*Azuré*m (S. Pedro de). Na capela da Madre-de-Deus, realiza-se no dia do Bom Pastor, a romaria à titular. É um arraial festivo, alegre e muitíssimo concorrido pela gente da cidade. Dura uma tarde, mas é arraial que vale, em ponto pequeno, uma romaria de repastos merendeiros.

*Senhora da Madre-de-Deus,
Fica à beira do caminho;
Quem passar por perto dela
Mais a sente bem pertinho.*

(Pop).

«Na capela da Sr.^a da Conceição, missa semanal aos sábados e festa solene em 8 de Dezembro, precedida de novenas a que costumam concorrer os estudantes de Guimarães, considerando-a ligada aos tradicionais festejos de S. Nicolau, e seguida, na tarde do mesmo dia, pela ladainha lauretana a instrumental e benção do S. Sacramento.»

Constitui ainda hoje, o arraial da Sr.^a da Conceição, que dura somente uma tarde, com concorrência cidadina, um divertir alegre e chistoso. É um arraial onde se permutam certas bugigangas, que a liberdade e os ditos dos oferecimentos maliciosos, as fazem tomar um cunho irreverente e avermelhado.

Da banda daqueles moços e moças de mais rasgada airosia, em rictos de deslaro e de galanice, chovem os pedidos e correm as ofertas: Se me deres a *passarinha*, eu dou-te um *sardão*.

E o certo é que se vendem *passarinhas* e *sardões*, de açúcar ou farinha triga cozida, símbolos toscos dum relebrar pagão, naquele arraial muito característico pela venda ambulante das *bugigangas* de imaginária diversa e de rude bucolismo.

Nem a gente sabe, se bem esmiuçar no luzeiro borralhoso do passado, o fundamento de tão curiosa venda de doçaria barata.

Alinhando na tradição, e sem nos importarmos dos *sardões* para as Marias e das *passarinhas* para os Maneis, que espreitam em caixinhas de leito algodoado, com tiras de versos ou oferecimentos amorudos, lá vemos o povo comprar rosquilhos, cavacas, esposados, corações,



Nossa Senhora da Madre-de-Deus.

violas, relógios com mostrador e fitinhas, cãezinhos com laçarotes, flores de papel, brilhantes, etc., uma variedade grande para a canalha lambuzar, em chupadelas ensalivadas de babalhice garota, como recordação da Padroeira.

Talvez por ali andem, naquela configuração de acentuada preferência zoomorfa, significativos resquícios lúbricos ao gosto fálico das épocas libertinas.

No *arraial das passarinhas*, na festa de Santa Luzia, a 13 de Dezembro, ali na sua capelinha alpendrada da Rua de Francisco Agra, as características engalhosas do mercado miúdo e bugigangueiro e das recíprocas e amorosas ofertas dos *sardões e passarinhas*, são perfeitamente iguais.

De onde remontará esta prática paganizada das permutas de presentes maliciosos?

Em princípios do século XVIII, os D. Piores da Colegiada, visitando pastoralmente as capelas alpendradas dos subúrbios de Guimarães, Sr.^a da Luz, Sr.^a da Madre-de-Deus, Sr.^a da Conceição e S. Roque, notavam que certos grupos de *maganagens*, não só profanavam os recintos não vedados das alpendradas, como se entretinham no jogo profano de arraiais divertidos e foliões nos dias festivos dos oragos, numa mistura muito rédea solta de cantares, dançares e galhofeiros bazares de prendas, onde leiloavam as mais variadas e divertidas prendas que juntavam para custeio das despesas. Ali se reuniam as mais bizarras caixinhas de segrêdos, atadas com liços, linhóis ou fitinhas de seda, para os namorados arrematarem, as mais extravagantes prendinhas amorosas, os bolos de farinha milha enfeitados de rabioscas, os chouriços e salpicões de tamanho desconforme e outras cousas que pelo engenho gaiato do amanhã, provocavam a verborreia chistosa dos assistentes.

Virá, desses grupos de *maganagem* libertina, em transição das prendas folionas, caseiras e familiares, das rifas leiloeiras dos bazares, a influência transmissora para um comércio industrializado e ambulante de bugigangas adocicadas, com significação maliciosa e amoruda?

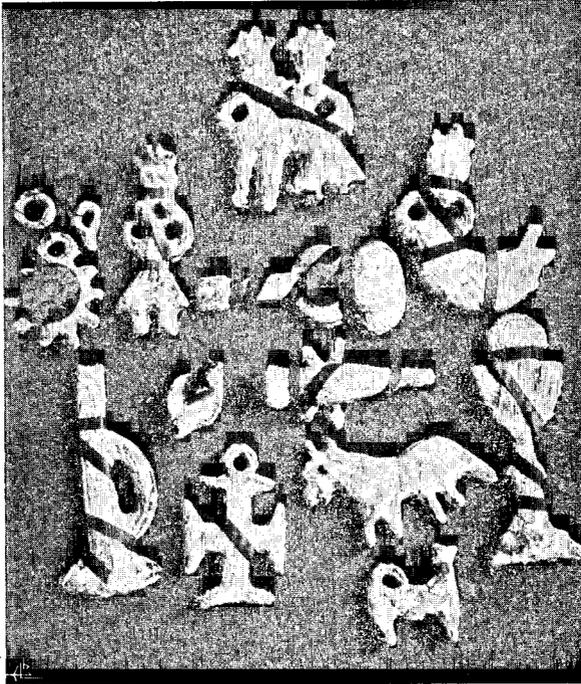
É possível que o negócio corresse pela influência destacada das prendas mais bizarras dos primitivos e paganizados leilões das romarias e dos festivos autos desempenhados nos adros das igrejas e capelas.

As semelhanças e representações fálicas ajustavam-se à malícia e lubricidade dos cultos, dos ritos e tradições das festividades profanas e paganizadas.

Creixomil (S. Miguel de). Na capela da S.^{ra} da Luz, no dia da Purificação, a 2 de Fevereiro, faz-se uma

romaria, que é muito concorrida pelos habitantes de Guimarães.

No ano de 1962 foi o programa ampliado: dia 2 procissão de velas e missa com cânticos; dia 4, missa e sermão; feira franca de gado bovino, sendo conferidos prémios.



Doces vários dos arraiais das «passarinhas». (Santa Luzia e Sr.ª da Conceição)

Bazar de prendas, durante a tarde. Às 15 horas, bênção ritual do gado.

*Nossa Senhora da Luz,
Do alto monte doirado;
Eu bem vejo lá no fundo,
O adeus do meu namorado.*

Na mesma capela, também no dia 15 de Abril é festejada a Padroeira, com grande e festivo arraial, música

e concorrido bazar de prendas. A esta festa chamam vulgarmente a *feita dos moços*.

As festividades principais da freguesia de S. Miguel são: Aniversário das Almas, a 3 de Novembro, com procissão ao cemitério Municipal; a do Sacramento, que data de 1880 e a da S.^{ra} do Rosário.

Calvos (S. Lourenço de). Nesta freguesia celebra-se com grande pompa a festa de Nossa Senhora da Lapinha, na segunda-feira do Espírito Santo, e neste dia se determina aquele em que a Senhora da Lapinha, há-de ir processionalmente a Guimarães (1)

A Senhora da Lapinha, assim como a S. Bento das peras, em S. Miguel das Caldas, costumam ir muitos serões.

E à nossa Santa Marta do Leão, na Falperra, em 29 de Julho, vai um mar deromeiros, com as suas ofertas valiosas de linho e cereais. É uma romaria tão característica e concorrida como a romaria grande de S. Torcato. O local, é o mais soberbo do Minho (2)

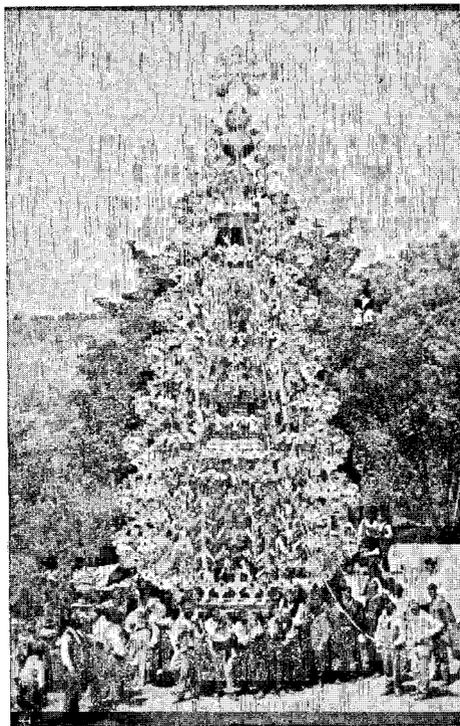
A estas romarias de mais celebrada fama, caminhos andados em pé de dança pelos ranchos formigueiros, que acodem de todas as bandas, e levados sem sentirem o piso e o pó, na mais animada cantoria das violas, dos harmónios e dos tambores, a todas estas romarias, chegava sempre o luxo mais domingueiro e garrido das moças e os oiros mais reluzentes dos seus peitos. Para lá se dirigiam também os grupos dos jogadores de pau, com os seus lódãos, quando lhes era permitido levarem esses varapaus da varrimenta e da pancadaria. Quando as bandas marciais estavam no descanso, e os músicos a bebericar, por aqui e por ali, debaixo dos toldos brancos dos comes e bebes, os zambumbas, que são a expressão altissonante das festanças, pela barulheira que fazem e pela imponência da maçaneta levada ao ar em gestos histriónicos, já eles percorrem o arraial, zumba que zumba, misturando os sons aos sons do badalo da sinarada e ao eco dos foguetes. As festas, para serem boas, têm de meter barulho ensurdecedor. Música, sinos, foguetes e zépreiras. E era raro que não metessem também, o gingar rodante dos caceteiros

(1) Ver sobre o clamor da Senhora da Lapinha, *Guimarães e Santa Maria*, por Oliveira Guimarães, págs. 82 e segs.

(2) Ver *Archeologia Christã*, por Albano Belino, pag. 237.

dos lóðãos, que em zaragatas de despique, abriam varri-
menta larga, e cacholas a oito. Dantes, era de estranhar
um Santiago da Costa, um S.^o Amaro e um S. Torcato,
em que não houvesse farturinha de desordens e panca-
daria de criar bicho.

Eis porque, estes grupos caceteiros e os mestres da



Um dos típicos andores da ronda de S. Tiago da Costa.

baqueta, tinham os seus lugares de reunião para adestra-
mento das suas predilecções favoritas.

Na freguesia da Costa, (lugar de S. Roque) em Ur-
geses, (lugar da Estrada Nova), Polvoreira e S. Romão
cultivava-se com afincos o jogo do pau, exercício de movi-
mentos largos e de apurados e seguros golpes de vista.

Toda a arte de bem o jogar se desdobra nas seguintes e mais conhecidas fases:

1.^a—Jogo de cruz singela; 2.^a jogo de cruz dobrada; 3.^a jogo de cruz batida; 4.^a contra jogo; 5.^a jogo aberto. (1)

Nas freguesias de Fermentões, Costa e Abação, exibem-se galhardamente os tamborileiros ou zépreiras.

Os da Costa, adestravam-se na marcha daquela sua festa tradicional, a mais típica e curiosa de todo o concelho (2), a festa caprichosa, lentejoulada, de infinita virilidade pagã no exterior do arranjo mas de íntima beleza na piedade colectiva dos que acampanhavam orgulhosos os andores faiscantes de trenas e espelhos das suas freguesias. Era pelo S. Tiago, ronda saudosa de séculos, que os tamborileiros zupavam com ardor arrebatado.

Os de Abação, de maior técnica de baqueta, com variações de efeito no manejo de bem rufar, como os grupos afamados de Celorico de Basto, exibiam-se festivamente quando a ronda da Lapinha vinha à vila com os seus guiões e com a imponência característica dos seus costumes de outras eras.

Estas marchas costumeiras das rondas, dos cercos e dos clamores desviaram para outras reverências de culto mais singelo, mas não tão afiançado e convicto para o povo na intercessão do milagre e do benefício que esperavam, em chuvas, em abundância para as searas e espanções da bicha. O povo tinha mais fé na penitência rezada ao lento caminhar de léguas e léguas, até à morada dos Santos mais queridos e distantes.

Hoje a zépreirada dos tamborileiros limita-se a acompanhar os peditórios para as festas dos oragos e a anunciar, ao derredor das freguesias, manhã alta, as novenas ao Deus Menino e a S. Sebastião.

As manifestações afamadas das romarias mais distantes, para lá de bastas léguas bem puxadas, acudia destes

(1) Possuímos um curioso e raro folheto, assim intitulado: *Arte Do Jogo De Pau*, por Joaquim António Ferreira, da cidade de Guimarães, Porto, 1885. Neste folheto, desenvolve o autor vimaranense, as seguintes fases do jogo: 1.º, Varrimento de cruz. 2.º, Varrimentos dobrados. 3.º, Corrida. 4.º, Jogo do meio. 5.º, Jogo contra jogo.

(2) *O culto da alfádega e dos cravos*, Corunha, 1931, por Alberto Vieira Braga.

lados, com o fervor devoto, aquela gente do campo mais socalcada de desgosto, de trabalhos e de tormentos.

Affigida pela dor, com a alma fechada em prece, só a gente do campo lembra o que mais distante vive, porque a esperança está mais no longe do que no perto, e santos da porta não fazem milagres, julgando ainda, inocentemente, que quantas mais léguas palmilhar maior número de indulgências colheria e melhor sucedida seria no desfiar suplicante do seu rosário.

E lá vão, até S. Bento da porta aberta, prometendo muitos fazer a romaria sem fala, para o que metem um cravo na boca, sinal já conhecido e sabido de que não podem falar nem dirigirem-lhes falas, até S. Mateus, Senhor do Monte, Sr.^a do Alívio, Sr.^a de Antime, S.^a Marta, Aparecida, Bom Jesus do Monte, S.r.^a do Porto d'Ave, a 8 de Setembro, Sr.^a da Abadia, a 15 de Agosto, em terras de Bouro, onde muitos vão de novena, e à Senhora das Neves, a 5 de Agosto, na serra da Lagoa, freguesia de Varsea Cova, concelho de Fafe. A senhora das Neves é romaria célebre, pelo número de doentes que ali concorrem, carregados de diabos. Os reverendos exorcistas caridosos, para ali se deitam a enxotar do bestunto das criaturas o mafarrico, mediante a bendita esmola de velas de cera e missas rezadas.

Vão muitos curiosos a esta romaria, para ver os trejeitos e as caramunhas dos pobres padecentes.

É a romaria dos diabos.

Como nasceu o enxadrezamento da pequena propriedade no panorama rural?

Dos foros pertencentes à Câmara Municipal de Guimarães.

Dentro dos domínios baldios municipais, cada um dos enfiteutas e censuários abaixo declarados, pelo direito do foro ou de censo, e ainda outros não mencionados nem apercibidos na documentação existente, pela posse tradicional do *fogo morto* e os mais que gozavam das regalias das divisões obtidas por mercês régias, incrementaram e dilataram o povoamento dispersivo e retalhado da pequena propriedade.

E pelos grandes espaços bravios municipais ou regalengos, aos poucos, principiaram a retilhar em perímetros contornados e socalcados, os eidos e casais colmaços, numa esparralhada colonização de trabalho e de abrigo. Estas terras assim imemorialmente repartidas e desenvenclhadas do foro, abastavam as próprias famílias que as possuíam como bens alodiais e privativos, e afoitamente as podiam vender ou legar aos filhos.

Igualmente, muitos destes medianos bens, de infiltração, de interesse pessoal, foram rasgados e desbravados, mediante aforamento ou partilha régia, nas extensões baldias do Concelho ou das paróquias.

Assim nasceram, pelas fraldas desnudas e montesinhnas, em existência fecunda, aquelas terrinhas pobres da gente humilde, que para viver, tem de procurar, dia a dia, as canseiras de um trabalho mais certo e assegurado, para além dos arroteios dos seus couvais e batatais, porque mais não dão nem podem dar, pois somente o movimento braçal com o alvião e a sachola as viram e reviram.

Se os baldios inertes e rasteirinhos eram terras negras e retardadas, longe de serem de promessa, eram todavia as mais avisadas e acessíveis para o regalo da compita dos ricos e dos pobres, pelo que se condensavam as resistências, justificando uns a necessidade de pastos e roços e outros a caridade e a liberdade de um pedaço de logradouro para erguer um cardenho e fabricar um hortejo que lhes desse pão e lenha para as famílias desaninhadas, que se viam na pouca sorte de acalcanhar pelo relento, barrancosos caminhos ou rufos de ribanceiras, até encontrarem a esmola de um abrigo em qualquer barra, palheiro ou coberto de lavrador amigo ou conhecido, hoje por aqui, amanhã por além, como bichos sem toca acirrados pela fome.

Ora os baldios, representando uma fazendinha aberta, de espaço livre, como que um reguengo popular de muitos senhores, sem matriz, sem padrões clássicos de serventia e sem assistência, só podiam ser distribuídos em propriedades particulares, pelas Câmaras ou por alvarás régios.

Para se obterem legalmente, mediante foro ou mercê, essas desejadas conveniências de distribuição, tinham de correr certos processos vagarosos de sancionamento, afincados às leis das confrontações, das medições, das áreas dos casais e aos favores das audiências influentes

dos Senados municipais ou dos mandarins da regência do Estado.

Os mais apressados, os mais pobres, os mais carecidos da terra rude e incontrollável, que se dava confiante a todas as mondas e rapinas das teirogas, das giestas, dos codessos, dos fentos e dos azevinhos bravos, e aos sulcos divisórios dos pastos e dos logradouroiros comuns, principiaram então a lançar mão das apropriações, das tomadias, cultivando e plantando as parcelas de que se apoderavam, para mais tarde obterem o domínio da posse e poderem com mais segurança de propriedade erguer uma casinhola de remedeio.

Outros seguiram a tradição do *fogo morto*, que era por esse tempo usada em todo o país.

Esta tradição do *fogo morto* foi-se deturpando e desviando do sentido inicial de intromissão legal, mas seguindo com assentimento, em esboço, as linhas gerais com certas variações adequadas ao meio, aos usos do lugar e às condições dos aros despovoados. Implicava a posse de tantas pernadas de logradouro, desde que dentro delas se erguesse, no espaço de uma noite, uma cabana de pedras reboliças ou de casqueiras, e na manhã seguinte lá se ouvisse cantar o galo e se visse à porta uma mulher sentada e de roca à cinta, a fiar.

Esta tradição, de terra para terra, tinha as suas variantes, os seus hábitos de posse, as suas regalias de privilégio, consoante a compreendida acuidade das autoridades locais.

A solidariedade dos casais assim levantados, tomava condições próprias de resistência e perdurabilidade, por via da raiz fundamental de povoamento que lhe deu origem.

Noutras localidades, bastava que num sítio despovoado, a família precisada ou foragida trouxesse consigo os utensílios domésticos, um cão, um gato, um galo e uma galinha, e levantasse numa noite uma barraca de tábuas, de palha e ramos. Pela manhã tudo devia estar feito; o lume aceso, a farinha amassada e o terreno em volta da casa demarcado com um rego.

Se a obra fosse a cabo sem opposição, a posse estava tomada. (1)

(1) Ver *Curiosidades de Guimarães*, vol. IV — *Maninhos*, por Alberto Braga, pág. 91.

De maneira que à volta das paróquias, esta debangada, retalhada e miudeira propriedade familiar cabaneira, que não tem sementeiras, nem estábulos, nem eiras, nem capoeiras, mas simplesmente uma mesquinha choupana ou palhal com cortelho anexo para um reco de lavaduras, abrigava os rebanhos mais pobres dos andantes da lavoira, que concorreram, em grande monta, para a densidade populacional do Concelho.

Pode tomar-se mesmo, em linha de conta, que a pobreza dos rebanhos humanos das aldeias, espalhada pelas choupanas e pelos imensos bairros que ultimamente se têm erguido pelas aldeias, sendo extremamente prolifera, é a que mais contribui para o aumento cadastral demográfico do Minho rural.

Veja-se agora, pela conta dos abrigos foreiros da malta labrega que moireja no produtivo sem a candeia dos amos e patrões, porque é muito importante para a justificação do que acima expusemos, como é largo o parcelamento e a disseminação da modesta propriedade familiar cabaneira. Os foros abaixo registados e depois remidos, para deixarem os proprietários livres das peças dos laudémios e das estivas, incidiam, na maioria, em migalhos esconsos de terra brava e angulosa.

Os sinais de vida lá estavam nos fogos cadastrados e registados pelo foro, assim reconhecidos em espécie: *numa casa e horta*, ou *numa terra com casa e horta* ou em *tapadas de terra lavradia e casas*, ou ainda em *tapadas de terra lavradia com casas e hortas* e também *sortes de mato reduzidas a cultura*; *sortes de mato constituindo propriedades de casas térreas e hortas*; *casas térreas e terras de lavradio*; *tapadinhas de terra com árvores de vinho*; *casas térreas e terra de lavradio*; *casas térreas e colmaças e terra de horta*, etc.

Tudo penhores modestos duma modesta e humilde classe de proprietários trabalhadores rurais.

Durante o ano de 1901, foram remidos, depois de prévia avaliação, os seguintes foros, todos com laudémio da quarentena:

Na freguesia de Santa Marinha de Arosa:

Foro de 20 réis, imposto em uma terra lavradia, com oliveiras, no lugar do Monte, acima da

Réis

<p>ponte de Lamadarios. Enfiteuta, José Fernandes</p>	1.140
<p>Foro de 20 réis, imposto em uma casa e horta no lugar da Boa Vista. Enfiteuta, António Afonso</p>	3.890
<p>Foro de 20 réis, imposto numa casa e horta no lugar do Espinhoso. Enfiteuta, Francisco Afonso</p>	2.640
<p>Foro de 20 réis, imposto numa terra lavradia no lugar da Boa Vista. Enfiteuta, Jeró- nimo Gomes Lopes</p>	1.140
<p>Foro de 20 réis imposto numa terra com casa e horta, no lugar do Espinhoso. Enfiteuta, Joaquim Lopes</p>	1.140
<p>Foro de 40 rs., imposto num acréscimo de terreno de mato, no lugar de Boucinha. Enfiteuta, António José da Costa</p>	1.500
<p>Foro de 30 rs., imposto num acréscimo de terra lavradia, no lugar do Espinhoso. Enfiteuta, João Afonso de Queirós</p>	2.585
<p>Foro de 20 rs., imposto numas casas e horta no lugar do Monte. Enfiteuta, Jerónimo Gomes Lopes</p>	1.640
<p>Foro de 100 rs., imposto numas casas de terra lavradia com árvores de vinho e fruta, no lugar do Monte. Enfiteuta, António Afonso</p>	6.550
<p>Foro de 60 rs., imposto numas casas e horta, no lugar do Outeiro do Punho. Enfiteuta, António Manuel Gonçalves de Oliveira . .</p>	2.420
<p>Foro de 80 réis, imposto na sorte de mato no monte da Boucinha, Outeiro das Portelas e no Outeiro do Pinho. Enfiteuta, Francisco Afonso</p>	3.960
<p>Foro de 60 réis, imposto numas casas, de terra e horta e tapada de terra lavradia, com</p>	

	<i>Réis</i>
árvores de vinho, no lugar do Monte. Enfi- teuta, Manuel António Vaz da Costa . . .	2.420
Foro de 40 réis, imposto na propriedade da igreja e numa tapada de terreno de mato no lugar da Laje da Lama. Enfiteuta, Rosa Lopes dos Reis	2.580
Foro de 40 réis, imposto numa tapada com casa e terra lavradia, no lugar do Monte. Enfi- teuta, Francisco Lopes dos Reis	1.980
Foro de 20 réis, imposto numa sorte de mato denominada das Cumieiras. Enfiteuta, Narciso Pinto de Magalhães	1.890
Foro de 140 réis, imposto numa sorte de mato denominada Valdorigo. Enfiteuta, Miguel António Rodrigues Alves	3.200
Foro de 80 réis, imposto numa sorte de mato junto à tapada do reconhecente, e em outro troço na Fonte Figueira. Enfiteuta, António Afonso	5.060
Foro de 40 réis, imposto nas tapadas da Laje da Lama e Boa Vista e na sorte de mato no Monte das Águas. Enfiteuta, Domingos José de Sousa Júnior	2.830
Foro de 50 réis, imposto numa tapada de terra lavradia e casa, no lugar do Monte. Enfi- teuta, Lino Martins	4.475
Foro de 60 réis, imposto numa tapada com casa e terra de horta e noutra tapada de terra lavradia, junto à Grova, no lugar do Espi- nhoso. Enfiteuta, Francisco Joaquim da Silva	5.170
Foro de 60 réis, imposto numa tapada com casa e terra lavradia, na Fonte Figueira. Enfiteuta, Domingos José de Sousa Júnior	4.670
Foro de 60 réis, imposto numa tapada de terra lavradia com casa e horta, no lugar da	

Réis

Fonte Figueira. Enfiteuta, Guiomar da Paz	3.670
Foro de 70 réis, imposto numa casa, terra lavradia e vinha, no lugar da Fonte Figueira. Enfiteuta, Domingos José de Sousa Júnior	5.365
Foro de 40 réis, imposto numa tapada com casa e horta, na Fonte Figueiroa, Enfiteuta, João Gomes	2.530

Na freguesia de S. Paio de Figueiredo:

Foro de 130 réis, imposto nas sortes de mato seguintes: na das Águas Vertentes de S. Vicente de Oleiros; na da Penedice; na da Chã, na do Souto e na da Bouça do Monte. Enfiteuta, Maria Vieira Cardoso	13.205
Foro de 80 réis, imposto nas sortes de mato de Sapos, da Covinha e na da Lavadeira. Enfiteuta, João da Silva Pereira	9.660

Na freguesia de Santa Eulália de Penteeiros:

Foro de 200 réis, imposto nas sortes de mato do Sobreiro, da Palheira, do Foral e a sorte Pequena da Estrada. Enfiteuta, António Dias Vieira de Azevedo	12.100
Foro de 100 réis, imposto em várias sortes de mato, descritas no respectivo inventário. Enfiteuta, Domingos Fernandes	25.700
Foro de 20 réis, imposto nas sortes de mato do Foral de S. Bento e na do Sobre a Lama. Enfiteuta, Manuel Fernandes	2.490

Na freguesia de S. Martinho de Candoso:

Foro de 150 réis, imposto numa sorte de mato denominado Devesa do Saganhal, no monte	
--	--

	<i>Réis</i>
da Senhora do Monte. Enfiteuta, António Joaquim Borges de Castro	9.675
Foro de 200 réis, imposto em um terreno lavradio. Enfiteuta, António Manuel Monteiro	16.900
Foro de 40 réis, imposto numa sorte de mato, denominada do Bacelo, reduzida hoje a cultura. Enfiteuta, Manuel António de Afonseca	4.030
Foro de 80 réis, imposto nas sortes de mato do monte do Bacelo e do monte da Raposeira. Enfiteuta, Eduardo Augusto de Abreu Cardoso	6.460
Foro de 200 réis, imposto numa sorte de mato no monte da Senhora do Monte. Enfiteuta, Casimiro Leite de Oliveira	7.400
<i>Na freguesia de S. Tiago de Ronfe:</i>	
Foro de 1.200 réis, imposto em várias sortes de mato, descritas no respectivo inventário. Enfiteuta, Francisco Gonçalves	34.250
Foro de 10 réis, imposto numa sorte de mato, denominada da Polé, no Monte da Polé. Enfiteuta, António Pereira de Abreu	1.995
Foro de 1.200 réis, imposto em várias sortes de mato, descritas no respectivo inventário. Enfiteuta, Conde de Margaride	36.700
Foro de 30 réis, imposto numa sorte de mato das Carvalheiras, no Caniço da Bouça, que constitui hoje parte duma propriedade. Enfiteuta, os herdeiros de João José de Abreu	2.835
Foro de 30 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, P. ^e Gaspar Machado de Freitas	13.935
Foro de 30 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte da Albarda, constituindo hoje uma propriedade denominada do Covelo. Enfiteuta, José Rodrigues Ganço	3.585

Réis

Foro de 100 réis, imposto em três quartas partes da sorte do Souto da Bouça do Caniço, constituída hoje uma propriedade de casas com terra de horta. Enfiteuta, João José de Abreu, herdeiros	25.950
Foro de 50 réis, imposto numa quarta parte da sorte do Souto da Bouça do Caniço, constituída hoje numa propriedade de casas e horta. Enfiteuta, Manuel de Sousa . . .	3.475
Foro de 10 réis, imposto numa parte de uma sorte de mato denominada das Carvalheiras, constituindo hoje parte de uma propriedade. Enfiteuta, Manuel de Sousa	1.445
Foro de 50 réis, imposto numa propriedade composta de casa, terra de horta e por uma sorte de mato, denominada do Barroco. Enfiteuta Barão do Pombeiro	4.075
Foro de 100 réis, imposto na sorte de mato da Serquinha, no monte da Serquinha. Enfiteuta, Joaquim Lopes	3.450
Foro de 10 réis, imposto em metade da sorte de mato denominada da Bouça do Formão. Enfiteuta, João de Castro	1.695
Foro de 40 réis, imposto em duas sortes de mato, no Monte da Albarda. Enfiteuta, António Machado	2.355
Foro de 30 réis, imposto em várias sortes de mato, na Gandra, no Monte de Valdante. Enfiteuta, Manuel Machado	3.585
Foro de 20 réis, imposto numa sorte de mato no Monte da Albarda e na sorte denominada da Torga, no Monte de Santa Tecla. Enfiteuta, P. ^e António José Torrinhas Machado	1.990
Foro de 60 réis, imposto numa sorte de mato no Monte da Albarda e outra denominada do Sobrado, no Monte de Santa Tecla. Enfiteuta, Joaquim Salgado	4.120

	<i>Réis</i>
Foro de 40 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte de Repiade. Enfiteuta, Barão de Pombeiro	3.280
Foro de 100 réis, imposto em duas sortes de mato, no monte do Souto. Enfiteuta, Manuel Francisco	4.350
Foro de 80 réis, imposto em várias sortes de mato, descritas no respectivo inventário. Enfiteuta, António Joaquim Pereira . . .	7.935
Foro de 50 réis, imposto em duas sortes de mato, no Monte da Santa. Enfiteuta, Rosa de Lemos	3.075
Foro de 120 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, João Cardoso de Meneses, herdeiros	68.640
Foro de 80 réis, imposto numa sorte de mato, denominada da Meja Velha, no monte de Além do Ribeiro. Enfiteuta, Jerónimo Fernandes	3.560
Foro de 100 réis, imposto em duas sortes de mato, denominadas do Ferreiro, no monte de Além do Ribeiro. Enfiteuta, António de Abreu	4.050
Foro de 120 réis, imposto em duas sortes de mato no monte do Barreiro. Enfiteuta, António de Oliveira Cardoso de Abreu	6.840

Na freguesia de S. João de Castelões:

Foro de 30 réis, imposto nas sortes de mato denominadas: do Outeiro do Moínho; da Bestelas; do Outeiro do Vale Grande; do Vale de Piscos; do Barreiro e da Portela da Casa. Enfiteuta, António Joaquim de Carvalho	2.435
Foro de 80 réis, imposto em várias sortes de mato, descritas no respectivo inventário. Enfiteuta, António Manuel de Oliveira . .	10.810

Réis

Foro de 40 réis, imposto nas sortes de Bestelas, de Outeiro do Moinho e do Barbeiro. Enfiteuta, Joaquina Rosa de Castro	3.280
Foro de 30 réis, imposto na sorte de mato do Monte da Serra. Enfiteuta, Joaquim António Gonçalves	9.925
Foro de 400 réis, imposto numa sorte de mato na Costa dos Castanheiros e Outeiro das Lamelas. Enfiteuta, Francisco José da Cruz	12.600
Foro de 20 réis, imposto numa propriedade de casas térreas e terras de lavradio, no lugar do Monte. Enfiteuta, António dos Santos	2.890
Foro de 120 réis, imposto numa sorte de mato nos lugares do Vale da Abeleira, Fonte da Porca, Passagem e Regueiros. Enfiteuta, Joaquim António de Sousa e Joaquim António Gonçalves	7.340
Foro de 140 réis, imposto numa tapada de terra lavradia e de mato, no lugar do Vale da Raposa. Enfiteuta, Joaquim Felizardo Gomes	5.480
Foro de 160 réis, imposto numa tapada de terra lavradia, no lugar do Vale da Raposa. Enfiteuta, Domingos Dias de Paiva . . .	5.870
Foro de 20 réis, imposto em terreno baldio, no lugar do Outeiro. Enfiteuta, José António Barbosa	400
Foro de 40 réis, imposto numa propriedade de casas com eido, eira, campo lavradio e um alargamento no Campo do Pomar. Enfiteuta, António Francisco Barbosa . .	20.780
Foro de 140 réis, imposto numa terra lavradia, com oliveiras e numa tapada de terra lavradia, no lugar da Pedreira. Enfiteuta, Maria da Fonseca	4.480

	<i>Réis</i>
Foro de 20 réis, imposto numa tapadinha de terra com árvores de vinho, no lugar do Vidral. Enfiteuta, Joaquina de Castro	890
Foro de 20 réis, imposto numa tapada de terreno de mato, no lugar de Vale de Piscos. Enfiteuta, Caetano José da Silva Moreira . .	890
Foro de 90 réis, imposto num circuito e arredores de uma azenha, com uma matinha, na foz do Ralde. Enfiteuta, José Maria da Cruz	2.555
Foro de 30 réis, imposto numa tapada de terra lavradia, com casas, no lugar de Abelheira. Enfiteuta, Narciso Machado de Abreu . .	2.835

Na freguesia de S. João de Gondar:

Foro de 60 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte de Baixo e da Devesa Nova. Enfiteuta, Manuel Pinto Pereira Cardoso	4.670
Foro de 300 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte da Embaladoura. Enfiteuta, Manuel Pinto Pereira Cardoso	10.850
Foro de 90 réis, imposto numa tapada de terra junto à tapada da Cedofeita. Enfiteuta, João Pereira de Lima	3.005
Foro de 100 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte do Calvário. Enfiteuta, Luís António da Silva Correia	5.200

Na freguesia de S. Paio de Moreira de Cónegos:

Foro de 30 réis, imposto numas casas, terra lavradia e horta, no Souto de Pereiros. Enfiteuta, Manuel da Cunha Granja . . .	2.585
Foro de 20 réis, imposto numas casas telhadas, com seu eido, no lugar da Boa Vista. Enfiteuta, Joaquim Martins	2.640

Réis

Foro de 20 réis, imposto numas casas, terra lavradia e terreno contíguo, no Souto de Pereiros. Enfiteuta, Manuel da Cunha Granja	1.040
Foro de 30 réis, imposto numas casas e terra de horta, no Outeirinho. Enfiteuta, Domingos Manuel de Freitas	4.585
Foro de 40 réis, imposto numas casas, hortas e terreno lavradio com olival. Enfiteuta, Emídio da Cunha	4.780
Foro de 10 réis, imposto numa tapada de terra lavradia, no lugar de Pereiros. Enfiteuta, Casimiro Alves da Silva	495
Foro de 20 réis, imposto numa tapada de terra lavradia, com árvores de fruto, no lugar de Pereiros. Enfiteuta, P. ^e João Fonseca Queirós	990
Foro de 50 réis, imposto numas casas térreas e terra lavradia, no monte do Enxido. Enfiteuta, João Monteiro da Costa Guimarães	2.725
Foro de 10 réis, imposto num acrescentamento de terreno de mato junto a uma propriedade. Enfiteuta, António Alves	695
Foro de 20 réis, imposto numas casas e horta. Enfiteuta, Emídio da Cunha	1.890
Foro de 240 réis, imposto em várias sortes de mato, descritas no respectivo inventário. Enfiteuta, Joaquina Emília Correia Machado	14.480
Foro de 40 réis, imposto numas casas, rossio e horta, no lugar da Carvalheira. Enfiteuta, José Alves Pereira	7.530
Foro de 300 réis, imposto em várias sortes de mato, descritas no respectivo inventário. Enfiteuta, Manuel Francisco de Araújo	26.675
Foro de 100 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, Manuel José de Sousa	6.750

	<i>Réis</i>
Foro de 100 réis, imposto nas sortes de mato do Monte das Lajes e do Outeirinho. Enfiteuta, Domingos Manuel de Freitas . . .	6.000
Foro de 100 réis, imposto nas sortes de mato no Monte da Serpe e outra no Monte do Enxido. Enfiteuta, Emídio da Cunha . .	4.400
Foro de 70 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, José Machado de Abreu	5.865
Foro de 40 réis, imposto na sorte de mato da Cancela Nova. Enfiteuta, P. ^e Casimiro Machado de Faria e Oliveira	1.280
Foro de 100 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, P. ^e Joaquim de Freitas Lima	6.225
Foro de 160 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, Domingos Manuel de Freitas	6.390
Foro de 50 réis, imposto numa parte da sorte de mato, denominada de Moure. Enfiteuta, Bernardo Dias de Freitas	1.775
Foro de 200 réis, imposto numa tapada de terra lavradia com casa, no Monte do Enxido. Enfiteuta, Emídio da Cunha	6.900
Foro de 40 réis, imposto numa sorte e devesa situada fora da Cerca da Lamela. Enfiteuta, Joaquina Emília Correia Machado . . .	1.780
Foro de 90 réis, imposto nas sortes de mato da Ponte do Arco e na de Trás das Lajes da Quinta. Enfiteuta, P. ^e Joaquim Dias da Costa	3.005
Foro de 40 réis, imposto numa sorte no Salgueirinho e bouça da devesa e Cabo das Caldas. Enfiteuta, António Alves	2.530
Foro de 150 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, António José de Sousa	7.525

Réis

Foro de 100 réis, imposto na Devesa do Vale. Enfiteuta, Dr. Geraldo José Coelho Guimarães	3.250
Foro de 240 réis, imposto numa sorte de mato no Monte das Amoras. Enfiteuta, Casimiro Alves da Silva	6.930
Foro de 100 réis, imposto numa propriedade no Barroco das Amoras. Enfiteuta, Bernarda Alves da Silva	6.450

Na freguesia de S. Martinho de Gondomar:

Foro de 50 réis, imposto numa tapada do monte da Rechã do Vaqueiro, Enfiteuta, Joaquim Gomes	2.475
Foro de 50 réis, imposto numa tapada no lugar da Rechã do Vaqueiro. Enfiteuta Manuel Fernandes	2.225
Foro de 40 réis, imposto num terreno da propriedade do Barroco. Enfiteuta, Manuel de Oliveira	4.640
Foro de 150 réis, imposto numa sorte de mato no Monte de S. Simão. Enfiteuta, José Antunes Ferreira	6.675
Foro de 150 réis, imposto numa devesa e fonte com águas vertentes, no Monte de S. Simão. Enfiteuta, António José Fernandes . . .	4.825
Foro de 190 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte de S. Simão. Enfiteuta, D. Maria Antónia da Conceição Macedo Lima e Freitas	5.605

Na freguesia de S. Faustino de Vizela:

Foro de 200 réis, imposto numa sorte de mato, no monte de Sampaio, e a sorte do Alto do Monte, no mesmo sítio. Enfiteuta, José Maria de Freitas	6.900
---	-------

Réis

Foro de 40 réis, imposto nas sortes de mato, uma próxima dos Carvalhinhos, no monte de S. Bento, outra próxima do Penedo Rachado, na Costa do Sobreiro. Enfiteuta, António Alves, do Laranjal	1.230
Foro de 50 réis, imposto numa sorte de mato, denominada do Bairro de Cima e outra no Monte de S. Simão. Enfiteuta, Manuel Joaquim de Almeida	4.475
Foro de 70 réis, imposto em várias sortes de mato, descritas no respectivo inventário. Enfiteuta, Emília Rosa	3.615

Na freguesia de S. Cristóvão de Abação:

Censo de 240 réis, imposto numa propriedade antiga, no lugar do Moutinho. Censuário, António Joaquim Gomes de Azevedo Sampaio	4.800
Foro de 100 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, Francisco de Azevedo Varela	8.200
Foro de 60 réis, imposto nas sortes de mato de Trás do Monte, nos Salgueiros, e a sorte e devesa no Monte de Passos. Enfiteuta, Felicidade, viúva	4.920
Foro de 100 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, António Joaquim Gomes de Azevedo Sampaio	4.700
Foro de 90 réis, imposto em várias sortes de mato, descritas nos respectivos inventários. Enfiteuta, Manuel de Faria	2.355

Na freguesia de S. Miguel de Serzedo:

Censo de 100 réis, imposto numa propriedade com casas sobradadas e telhadas e campo com árvores de vinho e fruta. Censuário, P. ^e José Joaquim de Cunha	2.000
--	-------

Réis

Censo de 100 réis, imposto numas casas, no lugar dos Salgueirinhos. Censuária, Teresa Maria	1.000
Censo de 20 réis, imposto num acréscimo na propriedade das Boucinhas. Censuária, Teresa Maria	400
Censo de 20 réis, imposto numa propriedade com casas no lugar de Cabo da Vila . . .	400
Foro de 40 réis, imposto numa propriedade de casas térreas. Enfiteuta, João de Sousa	1.530
Foro de 40 réis, imposto numa propriedade com eira e terras. Enfiteuta, Bernardina Rosa	1.380
Foro de 200 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, Jerónimo Leite Peixoto	11.900

Na freguesia de Santa Maria de Atães:

Foro de 120 réis, imposto numa sorte de mato na Devesa Escura, monte. Enfiteuta, Custódio José de Macedo	3.840
Foro de 120 réis, imposto numa sorte de mato, por cima da Coutada das Bouças. Enfiteuta, António José Novais	3.190
Foro de 1.320 réis imposto numas sortes de mato nas Serdeiras das Agradas e Teixugueiras e em duas sortes de mato no Penedo da Cavalgada. Enfiteuta, António José de Freitas	33.990
Foro de 240 réis, imposto em duas sortes de mato na Carvalheira. Enfiteuta, José António Cardoso	6.930
Foro de 300 réis, imposto em duas e meia sortes de mato, no monte da freguesia de Santa Maria de Atães. Enfiteuta, António José de Carvalho	8.350
Foro de 180 réis, imposto em uma e meia sortes de mato, por cima da Serdeira das Agradas. Enfiteuta, Francisco Ventura Marinha .	4.760

	<i>Réis</i>
Foro de 620 réis, imposto em três sortes de mato, nas Rochães e em duas sortes de mato nas Sernedinhas de Cima. Enfiteuta, João Moreira de Freitas	15.840
Foro de 480 réis, imposto em duas sortes de mato, no Ribeiro de Giestal e numa sorte de mato no Escalheiro. Enfiteuta, Domingos José Marinho	12.360
Foro de 900 réis, em sete e meia sortes de mato. Enfiteuta, José António Ribeiro	23.150
Foro de 240 réis, imposto em duas sortes de mato, por cima das Rochães. Enfiteuta, João José Lopes Pimenta	6.180
Foro de 60 réis, imposto numa sorte de mato, por cima da Poça das Biqueiras. Enfiteuta, António José de Matos	1.570
Foro de 180 réis, imposto numa e meia sortes de mato, por cima da Devesa das Biqueiras. Enfiteuta, João Ferreira Mendes	4.635
Foro de 1.080 réis, imposto em nove sortes de mato, no Penedo da Silva. Enfiteuta, João António de Castro Meireles	27.810
Foro de 240 réis, imposto numa sorte de mato, por cima da Serdeira das Agrads, e noutra sorte nos Ludeiros de Gondarém. Enfiteuta, António José da Silva	6.180
Foro de 40 réis, imposto numa sorte de mato, por cima do Valinho. Enfiteuta, João Ventura	1.280
Foro de 780 réis, imposto numa sorte de mato, sobre a Poça das Biqueiras, e por três e meia sortes de mato por cima do rego que vai para Gondarém e por duas ditas nas Cruqueiras. Enfiteuta, António José de Matos	20.085
Foro de 3.420 réis, imposto em doze e meia sortes de mato, sobre as Alvarinhas, no	

Réis

Outeiro, em Curril e na Serdeira das Agradas e junto à Água de Varzielas, e por nove sortes nos Castanheiros Izabeis, no monte. Enfiteuta, Francico José Ribeiro de Abreu	88.065
Foro de 360 réis, imposto em três sortes de mato, nos Castanheiros Izabeis. Enfiteuta, José António Cardoso	9.270
Foro de 120 réis, imposto numa sorte de mato, por cima da Devesa da Taipa, no monte. Enfiteuta, Gaspar Lobo de Sousa Machado	2.090

Na freguesia de S. João de Ponte:

Foro de 80 réis, imposto em dois terrenos de mato, tapados de parede, à beira do caminho que vai para os moínhos do rio Ave. Enfiteuta, Leonor Maria Rebelo	9.310
Foro de 100 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte do Padrão ou Senhor de Campelos, e outra no Monte das Lamas. Enfiteuta, Francisco António de Abreu	2.000
Foro de 100 réis, imposto numa propriedade denominada do Rio, com casa, terra lavradia e de mato, junto à parte do rio Ave. Enfiteuta, Manuel Pereira e mulher	13.950
Foro de 10 réis, imposto num campo de terra lavradia e parte da sorte da Fonte Cova. Enfiteuta, Francisco Xavier da Costa	945
Foro de 40 réis, imposto na sorte da Poça do Fabricante. Enfiteuta, José Maria da Costa	3.280

Na freguesia de Santa Cristina de Longos:

Foro de 40 réis, imposto numa casa e terra lavradia, no Souto do Vale. Enfiteuta, Manuel António, das Borralthas	1.530
--	-------

	<i>Réis</i>
Foro de 100 réis, imposto numa tapada antiga, com casa e terra de horta. Enfiteuta, António Ferreira	4.450
Foro de 5.200 réis, imposto num terreno baldio, no monte de Montezelo. Enfiteuta, Francisco Guedes Guimarães	104.000
Foro de 610 réis, imposto num terreno baldio, no Monte da Forca. Enfiteuta, Domingos José Vieira	12.200
Foro de 940 réis, imposto num terreno baldio, no Monte da Forca. Enfiteuta, o mesmo Domingos J. Vieira	18.800
Foro de 160 réis, imposto num terreno baldio, no monte de Montezelo. Enfiteuta, o mesmo Domingos J. V.	3.200
Foro de 140 réis, imposto num terreno baldio, no monte de Montezelo. Enfiteuta, Francisco de Oliveira	2.800
Foro de 190 réis, imposto num terreno baldio, no mesmo monte. Enfiteuta, José Ferreira	3.800
Foro de 220 réis, imposto num terreno baldio, no mesmo monte. Enfiteuta, Ana da Cunha	4.400
Foro de 190 réis, imposto num terreno baldio, no mesmo monte. Enfiteuta, Tomás Bernardo Ferreira	3.800
Foro de 240 réis, imposto num terreno baldio, no mesmo monte. Enfiteuta, António Gomes	4.800
Foro de 210 réis, imposto num terreno baldio, no Monte da Forca. Enfiteuta, Domingos de Meira	4.200
Foro de 220 réis, imposto num terreno baldio, no Monte da Forca. Enfiteuta, Domingos Ferreira	4.400
Foro de 250 réis, imposto num terreno baldio, no monte de Montezelo. Enfiteuta, Manuel de Lemos	5.000

Réis

Na freguesia de S. Romão de Rendufe:

Foro de 20 réis, imposto na leira de mato da Felgueira. Enfiteuta, José Ferreira de Abreu	1.140
Foro de 200 réis, imposto numa devesa no monte de Sabarigo nas saídas do Casal. Enfiteuta, Visconde de Lindoso	16.650
Foro de 40 réis, imposto numa propriedade com casa e terra lavradia, denominada das Quintas. Enfiteuta, Inácio Fernandes . .	2.530
Foro de 300 réis, imposto em terrenos no sítio do Agrelinho. Enfiteuta, Domingos José de Meira	15.100
Foro de 560 réis, imposto num terreno no Monte do Outeiro. Enfiteuta, José Fernandes	21.920

Na freguesia de S. Salvador de Tágilde:

Foro de 100 réis, imposto em várias sortes de mato: a da Penedice, no Monte de S. Bento; a da Brincadeira, a de Caselhe e a de S. Domingos, sobre as Lameiras. Enfiteuta, Manuel Vaz de Miranda	4.450
Foro de 60 réis, imposto em várias sortes de mato: a sorte do Picoto de S. Bento, a de S. Bento, por cima da capela, a do Vale de Ceiras e a do Lodeiro. Enfiteuta, Manuel Leite de Oliveira	3.420
Foro de 30 réis, imposto numa sorte de mato denominada do Barroco de Cem. Enfiteuta, João Leite de Oliveira	2.085
Foro de 100 réis, imposto nas sortes de mato seguintes: a de Bouças, a do Penedo do Gato e a de Bergadela. Enfiteuta, Francisco Machado Medeiros	4.200
Foro de 100 réis, imposto nas sortes de mato seguintes: uma no Monte de S. Domingos	

Réis

e sítio do Bacelo; outra por cima da estrada da Légua; outra no Lodeiro; outra no sítio das Fontainhas; outro no Monte de S. Domingos, aopé das Lameiras de Arriconha e a da Brincadeira, no Monte de S. Bento. Enfiteuta, Manuel Alves Sampaio	5.550
Foro de 150 réis, imposto nas seguintes sortes de mato: no sítio da Parede do gato e a das Barrocas, no Monte de S. Paio. Enfiteuta, António Francisco Vieira de Azevedo . .	5.825
Foro de 200 réis, imposto nas seguintes sortes de mato: a do Portelo de Pau, no Monte de S. Bento; a de Sobre Estrufe, a de Cadeixo, a dos Fetos, a do Penedo da Velha e a das Barrocas. Enfiteuta, António Joaquim Pinto	6.900
Foro de 30 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte de S. Bento. Enfiteuta, Manuel Pinto	2.085
<i>Na freguesia de S. Lourenço de Sande:</i>	
Foro de 160 réis, imposto num terreno baldio, no monte de Sabroso. Enfiteuta, António Guilherme	3.200
Foro de 160 réis, imposto num terreno baldio, no monte de Sabroso. Enfiteuta, Miguel Ferreira	3.200
Foro de 400 réis, imposto num terreno baldio, no monte de Sabroso. Enfiteuta, José António de Sousa	3.400
Foro de 170 réis, imposto num terreno baldio, no monte Sabroso. Enfiteuta, José António de Sousa	3.400
Foro de 230 réis, imposto num terreno baldio, no monte Sabroso. Enfiteuta, Manuel António Gomes de Lima	4.600

Réis

Foro de 120 réis, imposto em pertenças do Casal da Cancela. Enfiteuta, António Augusto Pinto da Cunha 3.340

Na freguesia de S. Jorge de Cima de Selbo:

Foro de 270 réis, imposto nas sortes de mato da Fonte, do Souto do Velho, e na dos Ribeirais e ainda numa bouça chamada da Santa, com casa e horta. Enfiteuta, os herdeiros de António Pinto da Cunha . . 18.465

Foro de 30 réis, imposto num terreno e casa térrea, no lugar da Venda. Enfiteuta, José Joaquim Pinto 2.085

Foro de 60 réis, imposto numa sorte de mato denominada dos Ribeirais. Enfiteuta, José António da Cunha 2.920

Na freguesia de S. Mamede de Vermil:

Foro de 40 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte das Corgas. Enfiteuta, Rodrigo Gonçalves Correia 2.780

Foro de 150 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, Manuel Marques da Silva 8.300

Foro de 50 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, António Lopes Cardoso 5.825

Na freguesia de S. Martinho de Leitões:

Foro de 60 réis, imposto numa coutada denominada a Bouça de S. Martinho, no monte do Outinho. Enfiteuta, Manuel da Silva Mendes 2.420

Foro de 160 réis, imposto numa propriedade de casas, terreno de horta e terra lavradia, no lugar do Monte. Enfiteuta, Manuel da Silva Mendes 9.120

Réis

Foro de 50 réis, imposto numa tapada com casa, terreno e horta e terra lavradia, no lugar do Assento. Enfiteuta, Manuel da Silva Mendes	3.975
Foro de 20 réis, imposto numa propriedade de casas, com terreno de horta, no lugar de Samossa. Enfiteuta, Manuel José de Sousa	2.390
Foro de 60 réis, imposto numa propriedade de casas com terreno de horta e terra lavradia, no lugar do Monte. Enfiteuta, Rosa de Lima	4.420
Foro de 120 réis, imposto numa propriedade de casas com terreno de horta e terra lavradia, no lugar do Monte. Enfiteuta, João Pereira Mendes	7.340
Foro de 40 réis, imposto numa propriedade de casas e terra de horta e em outra propriedade de duas casas térreas e terras de horta, situadas no lugar do Assento. Enfiteuta, Manuel da Silva Mendes	3.780
Foro de 810 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, Manuel de Silva Mendes	31.945
Foro de 280 réis, imposto nas seguintes sortes de mato: Sub-Devesa da Granja Chã, e Sub-Devesa. Enfiteuta, Conde de Margaride	24.460
Foro de 100 réis, imposto numa sorte de mato, no Monte de S. Bartolomeu. Enfiteuta, David de Azevedo Barros	4.950
Foro de 200 réis, imposto numa sorte de mato, situada na Devesa do Pereirinho. Enfiteuta, José Ribeiro Gomes de Abreu	8.150
Foro de 120 réis, imposto numa sorte de mato, à Fonte Nova, no Monte de S. Bartolomeu. Enfiteuta, Manuel Correia	5.840
Foro de 120 réis, imposto nas sortes de mato seguintes: a da Porta, a das Lajes do Lajedo,	

Réis

a dos Campelos, a do Castanheirinho, a das Eivosas ou do Carvalho, do Cabo e a do Castanheiro. Enfiteuta, Maria da Silva da Veiga .	8.040
Foro de 240 réis, imposto numa sorte de mato na Devesa da Fontinha. Enfiteuta, Manuel José de Sousa	9.820
Foro de 200 réis, imposto em várias sortes de mato. Enfiteuta, Manuel da Silva Mendes	11.200
Foro de 200 réis, imposto numa sorte de mato denominada de Trás da Cova. Enfiteuta, Joaquim Gomes	9.100

Nas freguesias de Conde, Polvoreira, Gonça, S. Miguel das Caldas, Briteiros, S. Torcato, Brito e Fermentões

Foro de 20 réis, imposto em dus casas térreas colmaças e terra de horta, no lugar da Balinha, freguesia de S. Pedro de Polvoreira. Enfiteuta, Maria da Silva Salgado	2.390
Foro de 5 réis, imposto num pedaço de terreno da sorte das Pocinhas, pertença do casal da Aldeia, de Rio de Moínhos, freguesia de Polvoreira. Enfiteuta, António Ribeiro .	850
Foro de 140 réis, imposto numa sorte de mato no monte de Sub-Costa e outra a Bouça da Agra, no monte de Sobre o Bairro, freguesia de S. Martinho de Conde. Enfiteuta, Joaquim Pereira da Cunha	6.980
Foro de 1.000 réis, imposto num terreno baldio, no lugar da Pera Longa, na freguesia de S. Miguel das Caldas. Enfiteuta, António José Dias Pereira	20.000
Foro de 120 réis, imposto nas seguintes sortes de mato: no sítio do Campo Verde; no Outeiro do Amareiro, na Costa dos Soalheiros e outra por baixo do Poço do Agrelo, todas nos limites da freguesia de Gonça. Enfiteuta, João Fernandes . . .	5.340

	<i>Réis</i>
<p>Foro de 250 réis, imposto num terreno baldio, no monte da Costa do Lombo, freguesia de S.^{ta} Leocádia de Briteiros. Enfiteuta, João Ferreira A. Guimarães</p>	5.000
<p>Foro de 800 réis, imposto numa sorte de mato no sítio da Mezeira e outra na Lapa dos Namorados, na freguesia de S. Torcato, Enfiteuta, António Joaquim de Abreu Lemos</p>	25.600
<p>Foro de 210 réis, imposto nos seguintes terrenos: no Monte da Cachada da Macieira, no sítio das Bouças dos Oleiros, outro chamado o Monte da Cruz e outro no sítio do Moinho Velho, na freguesia de S. João de Brito. Enfiteuta, José Narciso Morais e Castro</p>	8.345
<p>Foro de 160 réis, e laudémio de quarentena, imposto nas seguintes sortes de mato, no sítio do Monte das Cruzes e Monte da Pena de Lebre: na devesa dos Carvalhos, chamada de Famueiro; dita com carvalhos também do mesmo nome; outra junta ao Casal das Córtes; dita com devesas de carvalhos denominada Mumentá; dita com carvalhos, chamada Primaças; dita com carvalhos, chamada Pena de Lebre; outra com carvalhos chamada da Palheira; e uma devesa com carvalhos, que fica á saída do Casal do Loureiro Velho, tudo na freguesia de Santa Eulália de Fermentões. Enfiteuta, António José Alves</p>	9.120